



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

PAULA MARIA GONÇALVES ANDRÉ

**Espiritualidade Franciscana Hospitaleira, uma
chave que abre horizontes na Educação Moral e
Religiosa Católica**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professor Doutor José Nunes
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Lisboa
2018

«Vede como é bom e agradável

Que os irmãos vivam unidos!

É como o óleo perfumado derramado sobre a cabeça,

A escorrer pela barba, a barba de Aarão,

A escorrer até à orla das suas vestes.

É como o orvalho do monte Hermon,

Que escorre sobre as montanhas de Sião.

É ali que o Senhor dá a sua bênção,

A vida para sempre.»

Salmo 133

Agradecimentos

As minhas primeiras palavras de sincera gratidão vão para a minha família, que sempre me ajudou a lutar na vida e a construir a pessoa que hoje sou.

Em segundo lugar um agradecimento aos Professores Juan Ambrósio e José Nunes, orientadores deste Relatório, pela sua competência científica, sugestões pertinentes e disponibilidade demonstradas ao longo de todo este trabalho.

Agradeço de igual forma à Universidade Católica pelo acolhimento e aos professores que partilharam comigo a construção do saber e do ser educador.

As palavras de agradecimento que nesta ocasião são devidas, à Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição que, me acolhe generosamente no seu seio e me concedeu a possibilidade de realizar este mestrado em Ciências Religiosas.

Ao Professor Cooperante da PES, António Eusébio e colegas estagiárias.

Por fim, este Relatório resultou ainda da partilha e disponibilidade de muitos que de uma forma ou outra permitiram que ele se tornasse realidade...

“Como Deus é bom! Deus seja bendito!” (Beata Maria Clara do Menino Jesus)

Resumo

O presente Relatório pretende descrever a Prática de Ensino Supervisionada (PES) no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas que, para mim, foi uma oportunidade de descoberta e aprendizagem no meu percurso profissional. Durante este itinerário de estágio, tomei consciência, mais uma vez, de que, sem dúvida, os contextos culturais onde nascemos e crescemos influenciam o nosso comportamento e que, também, sem dúvida, a Escola é uma instituição de transmissão e construção de cultura. É assim que este Relatório começa fazendo uma distinção entre culturas, e cultura do cristianismo, de forma a contextualizar a Prática Letiva da lecionação das Unidades Letivas 1 e 4 do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), do quinto ano de escolaridade, “Viver Juntos” e “Construir Fraternidade”. Por isso, no desenvolvimento de todo o processo, surgiu a questão: qual o papel da disciplina de EMRC na escola e qual o seu contributo para a construção do *bem comum* e do *cuidado do outro*? A partir desta questão, foi feita uma reflexão de modo a apresentar algumas chaves de leitura para essa construção do *Bem Comum* e do *Cuidado do Outro* e sobre a forma como o concretizar, na ação educativa, com a contribuição desta disciplina. Sendo múltiplas as chaves que poderíamos encontrar, concluímos que a EMRC é uma; e outra possível é a Cultura Franciscana Hospitaleira, cuja espiritualidade se distingue, na sua essência, pelo cuidar o outro, definindo-se através de um caminho - a pedagogia do amor. Esta pedagogia veicula a prática dos valores da simplicidade, da alegria, do acolhimento e da hospitalidade, expressos na proximidade ao outro. E é a partir destas chaves que, por fim, se apresenta uma proposta pedagógica - a implementação da dinâmica “O Chaveiro”, cujos objetivos promovem o envolvimento dos alunos, familiares e comunidade educativa, e divulgam os conteúdos mais significativas da disciplina de EMRC.

Palavras-chave: Educação Moral e Religiosa Católica, Bem Comum, Cuidado do outro, Cultura Franciscana Hospitaleira.

Abstract

This Report intends to describe the Supervised Teaching Practice (ESP) within the Master's Degree in Religious Sciences, which for me was an opportunity for discovery and learning in my professional career. During this internship, I became aware once again that, without doubt, the cultural contexts where we are born and grow influence our behavior and that the School is also an institution of transmission and construction of culture. This is how this Report begins, making a distinction between cultures, and culture of Christianity, in order to contextualize the Learner Practice of Units 1 and 4 of the Catholic Religious and Moral Education Program (EMRC), in the fifth year of schooling: "Living Together" and "Building Fraternity". Therefore, in the development of the whole process, the question arose: what is the role of the EMRC discipline in the school and what is its contribution to the construction of the *common good and the care of the other*? From this question, a reflection was made in order to present some keys of reading for this construction of the *Common Good and Care of the Other* and about how to concretize it in the educational action with the contribution of this discipline. With multiple keys we could find, we conclude that the EMRC is one; and another possible is the Franciscan Hospitaller Culture, whose spirituality is distinguished, in its essence, by caring for the other, defining itself through a path - the pedagogy of love. This pedagogy conveys the values of simplicity, joy, and hospitality expressed in the proximity to the other. It is from these keys that, finally, a pedagogical proposal is presented - the implementation of the "O Chaveiro" dynamics, whose objective promotes the involvement of students, families and the educational community, and disseminate the most significant contents of the EMRC discipline.

Keywords: Moral and Catholic Religious Education, Common Good, Care of the Other, Franciscan Hospitaller Culture.

Índice

Siglário.....	8
Introdução	9
I – Culturas e Cultura do Cristianismo	11
1. Breves noções de Cultura	11
2. A Religião como Cultura(s)	15
3. Cultura(s) e Cristianismo	17
4. A Escola como Cultura	20
5. Educação Moral e Religiosa Católica o <i>elo</i> entre Religião, Cultura e Escola.....	22
II – Prática Letiva de Educação Moral e Religiosa Católica	27
1. Caracterização da Escola e da Turma	27
a. Caracterização da Escola	27
b. Caracterização da Turma	31
2. Reflexão sobre a Prática Letiva.....	34
a. UL1 – Viver Juntos.....	36
i. Estrutura e organização	36
ii. Pertinência Pedagógica.....	37
b. UL4 – Construir Fraternidade.....	47
i. Estrutura e organização	47
ii. Pertinência Pedagógica.....	48
c. Considerações finais	62
3. Uma grande Família em Cristo – A cultura do Bem Comum e do Cuidado do outro	63
III – Cultura Franciscana Hospitaleira. Um contributo para a Prática Letiva da EMRC	69

1. A Fundação da Congregação.....	69
a. Pe. Raimundo dos Anjos Beirão	70
b. Irmã Maria Clara do Menino Jesus	71
2. Carisma da Hospitalidade	72
3. A Educação como Missão	74
4. Contributo da Espiritualidade Franciscana Hospitaleira para a construção do Bem Comum e do Cuidado do outro na EMRC	78
IV – Proposta Pedagógica: <i>O Chaveiro</i>	83
1. Motivação.....	83
a. Uma ideia: Escola e Sociedade.....	84
b. Uma metáfora: EMRC, um bem comum, público ou privado?.....	85
c. Um símbolo: O chaveiro.....	85
2. Implementação.....	86
3. Avaliação	89
Conclusão.....	91
Bibliografia	93

Siglário

CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
CONFHIC	Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
LS	Carta Encíclica Louvado Sejas (<i>Laudato Si</i>)
OFM	Ordem dos Frades Menores
PES	Prática de Ensino Supervisionada
SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã
UL	Unidade Letiva

Introdução

O presente Relatório, que aqui apresentamos, está integrado no Mestrado em Ciências da Religiões, com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica. Ele tem como base a Prática de Ensino Supervisionada que decorreu na Escola Básica de 2º e 3º Ciclos D. Dinis, em Leiria, numa turma de quinto ano. No mundo em constantes mutações, a educação começa a ter outras funções para além da transmissão de conhecimentos, e neste sentido, é importante perceber qual o papel da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, como cultura, na escola e qual o seu contributo numa sociedade cada vez mais plural e multicultural na construção do *bem comum* e do *cuidado do outro*. A partir desta matriz, selecionaram-se duas Unidades Letivas (UL) do Programa de quinto ano, a UL1, “Viver Juntos” e a UL4, “Construir Fraternidade”, no intuito de perceber melhor e de fazer, na prática, com que elas sejam um meio de promoção dos valores necessários para uma convivência social contribuindo para o *bem comum* e o *cuidado do outro*.

As motivações que conduziram a esta escolha prendem-se com o facto de se verificar que ainda há algum desconhecimento da identidade e missão da disciplina de EMRC e da sua pertinência no currículo, como um meio de construção nos vários domínios da vida social.

O objetivo principal é contribuir para a valorização da disciplina de EMRC como aquela que promove o aluno na sua integridade, assume a formação da sua personalidade e ajuda a ver e agir no mundo que a rodeia segundo a mensagem cristã.

Sendo a introdução um elemento fundamental na compreensão da estrutura e do conteúdo do Relatório realizado, apresentamos aqui a justificação e relevância do tema, a problemática, os objetivos e a sua estrutura.

Em termos genéricos, coloca-se o problema: qual o papel da disciplina de EMRC na escola e qual o seu contributo para a construção de uma sociedade cada vez mais multicultural? O que, por sua vez nos leva a formular outra questão: *Como é desenvolvido na disciplina a construção do bem comum e do cuidado do outro?*

No seguimento do problema que sustém este estudo pretende-se atingir o objetivo de *Apresentar uma chave de leitura para a forma como é ou como pode ser a lecionação de EMRC, de modo a se concretizar na ação educativa e ser um contributo para o bem comum e o cuidado do outro.*

O Relatório é constituído por quatro capítulos que se desenvolvem no intuito de enquadrar e contextualizar o estudo realizado.

No primeiro capítulo, abordamos alguns conceitos essenciais à contextualização da temática. Sublinhando a conceção de culturas e cultura do cristianismo, partindo de breves noções de cultura, da religião como cultura(s), da cultura(s) do cristianismo e da escola como cultura. Por fim, e como *elo* de ligação entre conceitos, a EMRC.

No segundo capítulo, destacamos a Prática Letiva de Educação Moral e Religiosa Católica, percorrendo as Unidades Letivas selecionadas, e salientando a sua pertinência pedagógica e contributo para a consciencialização de que fazemos parte de uma grande Família em Cristo, e por isso, todos corresponsáveis pelo *bem comum* e pelo *cuidado do outro*.

No terceiro capítulo, fazemos uma breve abordagem da Cultura Franciscana Hospitaleira, revisitando a Fundação da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC) e do Carisma da Hospitalidade, sublinhando a educação como sua missão e o contributo para desenvolvimento da espiritualidade na construção do *bem comum* e do *cuidado do outro* na disciplina de EMRC.

No quarto capítulo, apresentamos uma proposta pedagógica: *O Chaveiro*.

Terminamos este Relatório, concluindo que a EMRC se desenvolve e se distingue, na sua ação educativa, como uma chave de leitura na construção do *bem comum* e do *cuidado do outro*, e que as Unidades Letivas delineadas no seu Programa de quinto ano se definem por valores perenes e extremamente importantes para o futuro dos alunos, fornecendo-lhes uma perspetiva universal, onde todos têm lugar, crentes e não crentes.

I – Culturas e Cultura do Cristianismo

1. Breves noções de Cultura

Cada sociedade tem a sua maneira própria de viver, maneira essa que engloba um certo número de comportamentos, regularmente repetidos; é como que um conjunto de valores dirigidos a todos os membros, fazendo com que os seus comportamentos sejam guiados e regulados.

A cultura e a sociedade são duas coisas diferentes, contudo, indiscutivelmente ligadas, ou seja, é através da sociedade que se adquire uma cultura, por isso, sem sociedades não faz sentido falar-se de culturas.

Poderíamos afirmar que o homem é produto e produtor de cultura; não só a recebe dos seus antepassados, como um processo transformacional que se plasma na sua história, como também cria nele elementos que o renovam, sendo essa mesma cultura um fator de humanização para o próprio homem. Ao contrário dos outros animais, os humanos só se humanizam porque vivem no seio de um grupo humano imerso num contexto cultural que constitui para ele um sistema de símbolos que, partilhados, interpretam a realidade, o mundo e a vida e lhe conferem sentido. Afirma Eliott,

«Queremos dizer apenas que a cultura do indivíduo não pode ser isolada da do grupo, e que a cultura do grupo não pode ser abstraída da sociedade inteira; e que nosso conceito de “perfeição” deve considerar ao mesmo tempo os três sentidos de “cultura.»¹

Então, dizemos que a cultura é dinâmica e não estática.

¹ ELIOTT, T. S., *Nota para uma Definição de Cultura*. Editora Perspetiva, São Paulo, 1988, p. 36.

Faremos agora uma breve resenha da evolução do(s) conceito(s) de cultura ao longo dos tempos.

Segundo a conceção clássica de cultura, esta era de cariz meramente humanista, limitava-se a afetar as faculdades humanas como processo de formação da personalidade humana – *paideia* – assimilação de valores que depois eram transmitidos traduzidos em qualidades pessoais.

Do séc. XVIII até ao séc. XIX, o conceito de cultura foi-se complexificando ficando mesmo associado ao conceito de civilização, no sentido do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

O grande “salto” do conceito de cultura deu-se nos inícios do séc. XIX, com o surgir da antropologia, que passa a associar a cultura também aos fenómenos, valores ou crenças pertencentes à sociedade universal.

Algo muito idêntico com o parecer da sociologia, que define cultura, como,

«... conjunto de modelos de comportamento e de expressão, dos esquemas de pensamento, das normas morais e das escalas de valores que são admitidos numa sociedade ou num grupo determinado e que regulam a interação dos indivíduos que os compõem.»²

Dito de outra forma nos anos 80, pelo sociólogo Franco Crespi,

«...conjunto variado de modos de fazer e proceder e de rituais que se pretende alcançar, nas diferentes situações, consoante as exigências colocadas pelas diversas estratégias nas situações sociais concretas.»³

² AA.VV., *Dicionário de Termos da Fé*. Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1995.

³ CRESPI, Franco, *Manual de Sociologia da Cultura*. Editorial Estampa, Lisboa, 1997, p. 80.

Hoje, perante uma sociedade mutável com padrões e estilos de vida muito diferentes do passado, não se pode falar apenas de cultura, mas falamos antes das chamadas culturas do quotidiano, como refere Isabel Ferin no seu livro “*Comunicação e culturas do quotidiano*”. A autora parte do princípio de que a origem destas culturas vem dos media e dos fenómenos de comunicação de massas a que ela própria chamou *Cultura de massa, que, salienta,*

«...resulta das tensões das sociedades policulturais modernas, onde estão presentes diversas culturas, determinantes e determinadas por interações múltiplas, (pessoais, familiares, escolares, nacionais, religiosas, políticas, promovidas pelos media...).»⁴

Perante esta realidade – a Cultura de massa – emerge um novo conceito global de cultura, abordada por vários autores e com várias tipologias.

Neste sentido, Marshall McLuhan, defende a ideia de que, com o surgimento da *aldeia global* se vai desvanecer a complexidade das culturas, fazendo assim surgir uma cultura global que não descurará a(s) identidade(s) locais. Penso que contrapõe, a este respeito, João Duque, que questiona: *Será essa «aldeia» verdadeiramente uma aldeia? E será suficientemente real?* Diz,

«Uma aldeia implica, concretamente, um conjunto de características relacionais, das quais se destaca a proximidade física [...] Mas, a globalização comunicativa assenta na distância ou ausência corpórea dos intervenientes no processo comunicativo. Sendo assim, a «aldeia global» não possui a proximidade nem a realidade da comunicação que origina uma aldeia.»⁵

Logo, continua o autor,

⁴ FERIN, Isabel, *Comunicação e culturas do quotidiano*. Quimera Editores, Lisboa, 2002, pp.125-126.

⁵ DUQUE, João, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética* n° 5 (2006), p. 30.

«Tendencialmente, o pretense alargamento infinito das relações poderá resultar em anulação de reais relações inter-humanas. E a comunidade humana mais não será do que um produto digital, uma espécie de ente de razão (não humana, mas mediática) sem existência na realidade, como reedição - agora mais eficaz e abrangente - de todos os idealismos que a nossa história já conheceu.»⁶

Segundo este autor, uma anulação de reais relações inter-humanas, pode levar a uma vida de superficialidade. E, também segundo Abraham Moles, que aborda a tipologia de uma *cultura mosaico*, como sendo uma reunião de fragmentos, por justaposição sem construção nem referências.

Ou, como referia Duque, uma comunidade humana como produto digital, associada ao consumo, e ainda aquilo a que Edgar Morin chama de *culturas plurais* – Uma cultura que não é imposta, mas por vontade pessoal expressa.

«A cultura surge então como um conjunto polivalente, diversificado e frequentemente heterogêneo de representações, códigos, leis, rituais, modelos de comportamento, valores que constituem, em cada situação social específica, um conjunto de recursos, cuja função própria surge diferentemente definida consoante os momentos.»⁷

Neste contexto, é o momento de nos questionarmos: Se hoje a Cultura surge desta forma, será ela algo que podemos controlar ou influenciar deliberadamente? Será que as mutações da cultura têm influência direta com a Religião?

⁶ *Ibidem*, 31.

⁷ CRESPI, Franco, *Manual de Sociologia da Cultura*, p. 30.

2. A Religião como Cultura(s)

Não é possível compreender a história da humanidade sem pensar no sentido lato da religião e na(s) cultura(s). No entanto, é importante salvaguardar que religião e cultura são uma dicotomia, mas cada uma preserva a sua identidade.

Como disse Eliott,

«...nenhuma cultura apareceu ou se desenvolveu a não ser em conjunto com uma religião; [...] a cultura parecerá ser o produto da religião; ou a religião, o produto da cultura.»⁸

Assim, e diante de mais um conceito extremamente difícil de definir, segundo o antropólogo Geertz, a religião enquanto sistema cultural é:

«... (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.»⁹

Segundo este autor, podemos dizer então que a religião evidencia uma função cognitiva ou intrínseca e normativa, sempre tendo em vista o serviço à humanidade.

Dito de outra forma, todo o ser humano é um ser religioso e por isso um ser em relação com uma ordem superior da realidade, que influi a sua vivência em conformidade com essa mesma ordem superior. E esta Realidade é aplicável a todas as religiões, pois a religião só existe porque em ordem a um ser superior para ela existente.

⁸ ELIOTT, T. S., *Nota para uma Definição de Cultura*, p. 26.

⁹ GEERTZ, Clifford, *A interpretação das Culturas*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978, pp. 104-105.

Considerando que as religiões não são mera doutrina, ou códigos morais, mas a totalidade da existência humana que se abre à alteridade e que busca respostas de salvação, Nunes considera que as religiões transportam consigo uma ética e uma resposta a ânsias de salvação,

«A religião, afinal, e em última instância, oferece uma pauta de humanização à cultura, a toda e qualquer cultura. Nesta linha de pensamento, nunca será demais recordar as proféticas palavras de Henri de Lubac: «Não é verdade que o homem não possa organizar a terra sem Deus. O que é verdade é que, sem Deus, ele acaba por organizá-la contra o homem. O humanismo exclusivo é um humanismo desumano.»»¹⁰

Numa conferência sobre “*O lugar da Cultura*”, o Ministro da Cultura de Cabo Verde, Mário Mendes, abordou a importância da Cultura como uma viagem pessoal e coletiva, não como um adorno, mas como algo transcendental,

«A cultura deve ser entendida como o espaço de compreensão e de manifestação da Relação. E a Relação é entendida como o contacto entre dois, sem o qual o humano tende a desaparecer. Não é por acaso que na cultura cristã, em que não há deuses ou lendas híbridas, entes hermafroditas, antropomórficos, partenogénicos, ou neutros do género, foi preciso tirar da costela de Adão uma parceira. O homem é dado a viver na relação. Este é o espaço de diálogo, da diferença, do exercício da tolerância e da aceitação. Aqui começa a cultura.»¹¹

Percebemos assim, que numa realidade como esta, em que vivemos, e onde existe uma panóplia de culturas, a relação é extremamente importante e as diferenças não são

¹⁰ NUNES, José, “Cristianismo e Cultura”, *Didascália* XXXVIII (2008), 519-526 - Cf. H.de Lubac, *Le drame de l’humanisme athée*, Cerf, Paris 1983, p.12.

¹¹ MENDES, M., *O Lugar da Cultura*. Secretário de Estado da Cultura, Governo de Portugal, Lisboa 2015, pp. 47 e 48.

ancestrais. O que se torna necessário é a escolha criteriosa de valores e de crenças. A esse respeito, diz Crespi,

«A situação da religião nas sociedades atuais, após o desenvolvimento do processo de secularização, é caracterizada, segundo Berger, não só pela acentuação das dimensões de tipo privado ou subjetivo, como também pelo facto de cada individuo se encontrar perante uma pluralidade de crenças e valores entre os quais deve fazer uma escolha.»¹²

Se afirmamos que a relação é um fator essencial no desenvolvimento das comunidades e das culturas, então devemos salientar que também o encontro entre culturas, como relação entre elas, é importante a fim de reforçar a comunicação, o diálogo, a reconciliação e a tolerância. Afirma Eliott, «...equilíbrio entre unidade e diversidade na religião – isto é, universalidade de doutrina com particularidade e culto e devoção.»¹³

3. Cultura(s) e Cristianismo

É, nesta miscelânea de culturas e religiões, que o Cristianismo pode e deve marcar pela diferença. Nunes refere,

«...três tipos de posição assumidas pelo cristianismo face à cultura, a rejeição cristã da cultura (modelo de oposição), a identificação perfeita entre fé e cultura (modelo de fusão) e, finalmente, o diálogo entre fé cristã e cultura (modelo de síntese).»¹⁴

¹² CRESPI, Franco, *Manual de Sociologia da Cultura*, p. 167.

¹³ ELIOTT, T. S., *Nota para uma Definição de Cultura*, p. 26.

¹⁴ Cf. NUNES, J., “Mundo das culturas, Epifania de Deus?”, *Cadernos ISTA 4* (1997), 25-33.

Para Duque, pensar na cultura contemporânea e no cristianismo é reconsiderar a “eterna” questão da relação entre a Igreja e o Mundo, o que exige, em primeira instância, fazer memória dessa relação. Uma relação que, num primeiro momento, situada nos dois ou três séculos depois de Cristo se manifesta de *tensão*. Depois, com Constantino dá-se o reconhecimento do cristianismo como religião oficial e, como consequência, uma *identificação*. Com a modernidade e o desejo da emancipação, verifica-se uma relação de *ruptura*. Com o séc. XX, tempo de revisão e renovação com o Concílio Vaticano II, o Mundo é concebido como lugar de Evangelização, logo, lugar de procura constante de uma relação estreita entre as partes, a ponto de se considerarem uma realidade una. A Igreja é mundo, diz Duque. Assim, cito o autor,

«...enquanto habitantes da Igreja-Mundo, somos todos responsáveis por tornar atuante a transfiguração dessa Igreja-Mundo – transfiguração que não é produto nosso, mas ação do Espírito, enquanto atualização do próprio Mistério Pascal. Ao converter-se a Igreja, converte-se o mundo, e vice-versa.»¹⁵

Parece demasiado óbvia e pacífica esta relação entre o Mundo e a Igreja, contudo, sabe-se que no mundo atual se vive na presença de uma sociedade multicultural étnica e religiosa... E esta exige uma ação própria, de muito respeito e solidariedade. Será aqui que o cristianismo marca pela diferença?

«...o cristianismo é mediador para todas as culturas humanas, de uma proposta salvífica. Se é certo que essa proposta não pode ser pensada independentemente dos desafios culturais, também é certo que se lhes pode dirigir, de forma interpeladora, sobretudo em modo profético e crítico, quando o contexto cultural possui elementos a recusar ou, pelo menos, ambíguos. É nesse sentido que deveremos pensar o contributo cristão - também na "modalidade da transmissão da fé - no interior da nossa cultura atual.»¹⁶

¹⁵ DUQUE, João, *Cultura contemporânea e cristianismo*. Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 10.

¹⁶ DUQUE, João, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, *Pastoral Catequética* n° 5 (2006), 35.

Na sua reflexão Duque desafia a repensar a centralidade do cristianismo no interior da cultura contemporânea e a sua pertinência no momento presente e futuro.

«No contexto cultural atual, marcado pela pluralidade de interpretações do mundo, mesmo de cariz religioso, torna-se cada vez mais urgente um trabalho pastoral - sobretudo catequético e teológico - de exigente clarificação do conteúdo cristão, que permita o discernimento do que é verdadeiramente cristão e daquilo que é pseudo-cristianismo. A percepção suficientemente clara da denominada «essência» do cristianismo – mesmo que possa ser interpretada de modos muito diversificados e mesmo que não seja redutível a elementos fixos definitivos - parece-me ser um dos grandes - senão o maior - desafios ao processo contemporâneo de transmissão da fé.»¹⁷

Compreender a relação do cristianismo com a cultura, é perceber que o Verbo Incarnado é o modelo a seguir, e que essa Encarnação é sempre renovada na vida de cada cristão. Podemos centrar aqui o papel da educação cristã, pois sem a transmissão da fé, não existe evangelização e evangelização insere-se na cultura e respeita a cultura.

Educar numa cultura de diversidade onde há crescimento humano e espiritual. Diz Finuras,

«...cada cultura por intermédio do seu sistema de educação e do simbólico que lhe está associado, das suas normas e proibições, dos seus modelos de comportamento, tanto recalca como inibe, favorece, estimula e sobre determina a expressão do próprio fenómeno cultural e promove um processo de «normalização» em cada sociedade.»¹⁸

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ FINURAS, Paulo, *Humanus – Pessoas iguais, culturas diferentes*. Edições Sílabo, Lisboa, 2010, p. 41.

Será a escola uma instituição que favorece a cada aluno conhecimentos objetivos e competências críticas sobre a diversidade cultural e religiosa dos nossos tempos?

4. A Escola como Cultura

Os contextos culturais onde nascemos e crescemos influenciam o nosso comportamento. Essa influência não significa que seja negada a cada um de nós uma individualidade (ou livre arbítrio). O facto de estarmos em interação com os outros desde que nascemos até que morremos condiciona a nossa personalidade, os nossos valores, os comportamentos e opções que tomamos no dia-a-dia. Mas cada cidadão, cada indivíduo, no processo de sociabilização, desenvolve um sentido de identidade, competências e capacidades que lhe permitem pensar e agir de forma autónoma e mais ou menos consciente e adequada.

A escola, como instituição, é naturalmente transmissora da cultura produzida externamente, mas também tem em si uma cultura que lhe é própria e única, capaz de responder às necessidades próprias e dos seus agentes.

A escola, enquanto construção cultural, ajusta as reformas aos seus próprios modos de ver e agir. A escola enquanto cultura organizacional reflete uma determinada ordem social, política e ideológica, que se desenvolve ao longo do tempo e está enraizada nos valores assumidos pela organização. Uma cultura aprendida e não herdada, uma cultura que nem sempre é visível.

Olhar para a cultura escolar significa promover condições que possam favorecer a mudança cultural. Por outro lado, essa pode ser uma barreira para a mudança. Azevedo quanto à missão e cultura escolar, diz,

«A escola já não é um santuário isolado do mundo, mas também não é uma instituição de reprodução da sociedade e sua escrava, sob pena de deixar de ser o que pode e deve ser: o lugar e o tempo da travagem e da distância face ao real, ao senso-comum, às condições socioculturais de partida, o lugar e o tempo da

aquisição de uma herança cultural e de aprendizagem de uma cultura reflexiva que dê a cada um e a todos os instrumentos culturais para que possam não só tomar conta da sua vida, *reconhecendo-se, descobrindo-se*, como desenvolver uma inteligência crítica face ao mundo que os rodeia.»¹⁹

A escola como cultura demonstra flexibilidade em mudar e inovar, firmeza grande em relação aos valores e uma dedicação forte à “marca”, ou seja, à matriz cultural.

A escola deve assim, reunir condições privilegiadas para que nela se desenvolvam iniciativas de formação em que a identidade própria surja como algo que deve viver-se em todos os momentos da vida, educando, com os olhos postos na ação social e política do ser humano, atenta às transformações que constantemente se operam na sociedade.

Uma sociedade cada vez mais multicultural e que “obriga” a escola a tornar-se um lugar privilegiado de potenciar a diversidade cultural, onde, o acolhimento, a partilha de conhecimentos, valores, cultos de cada cultura se deve fazer sentir.

Portugal é neste momento um país onde habitam e coabitam populações de diversas etnias e culturas. A escola não pode ignorar esta realidade, muito menos ignorar a sua essência que se baseia na educação para todos. Sendo ela multicultural deve ser construtora de solidariedade e tolerância ativa. Nenhuma cultura é “*intrusa*”.

«A educação intercultural não pode limitar-se a fazer descobrir a alteridade e a diversidade, concebidos como relação com o outro; ela também deve produzir na criança e no jovem uma capacidade de agir em matéria de direitos do homem e integrar na formação da personalidade da criança, nas diferentes etapas do seu crescimento, o sentido do combate contra qualquer forma de discriminação.»²⁰

¹⁹ AZEVEDO, Joaquim, *Liberdade e Política Pública de Educação*. Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2011, p. 174.

²⁰ PEROTTI, António, *Apologia do Intercultural*. Secretariado Entreculturas, Presidência do Concelho de Ministros, Ministério da Educação, 2ª edição, Lisboa, 2003, p. 54.

A escola como cultura pode e deve fornecer instrumentos de leitura e de organização do pensamento e da ação na sociedade contemporânea.

As mutações da sociedade exigem que a escola saia da sua neutralização de valores e, para isso, é preciso repensar nas abordagens feitas no que respeita ao fenómeno religioso. A este respeito, Perotti diz que,

«A ausência, no ensino público, do estudo do facto religioso, das suas relações com o social e do seu impacto com o político apenas pode fazer aumentar os preconceitos relativamente às diversas religiões veiculadas por algumas comunidades.»²¹

Perante esta realidade cultural, que parece querer esconder o religioso da esfera pública e sobretudo do ensino é pertinente perceber então o papel da disciplina de EMRC.

5. Educação Moral e Religiosa Católica o *elo* entre Religião, Cultura e Escola

A pessoa como ser relacional interage com a vida e com a sociedade, pelo uso das suas capacidades pessoais que desenvolve e potencia. À medida que se vai conhecendo a si mesma e se vai integrando na sociedade em que está inserida, cresce para o comunitário e social.

No seu desenvolvimento para a relação com os outros e com a sociedade em que se integra, a pessoa vai-se posicionando gradualmente em vários níveis à medida que cresce. A família em primeiro lugar, depois a escola - duas instituições profundamente marcantes e estruturantes da pessoa na sua construção. Estas contribuem, sem qualquer rodeio e desde muito cedo, pela transmissão de verdades e valores da vida, atitudes vitais que permanecerão ao longo da mesma. É claro também que estas verdades e valores

²¹ *Ibidem*, 59.

provêm de um substrato cultural, também ele estruturante, e com raízes profundas que, passando pela família, têm a sua origem na sociedade envolvente.

«O ser humano está genética e espiritualmente “condenado” a viver em sociedade e em família. Estas regem-se por normas que são a decantação cultural de percursos densos de vida que, geralmente, atravessam gerações e anos de convivência civilizacional.»²²

Se considerarmos então que o ser humano está espiritualmente “condenado” a viver com os outros, então, podemos dizer que a disciplina de EMRC é um forte contributo para a promoção do aluno na sua integridade e que assume a formação de personalidades robustas atentas a todas as realidades e interações na escola. Ela está, portanto, em consonância com a Lei de Bases do Sistema Educativo, que diz que,

«O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.»²³

A Educação Moral e Religiosa Católica é uma construção do futuro a partir da memória da experiência cristã; ela contribui para que o Transcendente seja uma realidade encarnada na vida; ela ajuda na construção da própria cultura a partir da identidade cristã. Ou seja,

«...a confessionalidade da disciplina significa que a perspetiva a partir da qual a disciplina lê a realidade – a sua visão do mundo – é a perspetiva cristã, em geral,

²² CARNEIRO, *Educação Intercultural*, 62. Consultado em https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/4_PI_Cap3.pdf/cc693b49-2288-4c9d-a3e0-89488b2899b7.

²³ Lei nº 46/86 de 14 de outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, art. 2º, nº 4.

e católica, em particular, proposta como uma visão coerente e articulada com os diversos âmbitos da cultura e da ciência.»²⁴

É importante que uma disciplina como a de EMRC se assuma como aquela que “carismaticamente” têm o poder de formar as sociedades, no seu conceito mais alargado e abrangente e, neste contexto formem pessoas para o espaço das relações humanas e socializadoras da comunidade e do mundo. Esse é o contributo que a disciplina dá à religião, à cultura e à escola. Bento XVI no seu discurso aos professores de religião católica a dada altura diz, que,

«A dimensão religiosa, com efeito, é intrínseca ao facto cultural, contribui para a formação global da pessoa e permite transformar o conhecimento em sabedoria de vida. [...] Por conseguinte, graças ao ensinamento da religião católica, a escola e a sociedade enriquecem-se de verdadeiros laboratórios de cultura e de humanidade, nos quais, decifrando a contribuição do cristianismo, habilita-se a pessoa a descobrir o bem e a crescer na responsabilidade, a procurar o confronto e a apurar o sentido crítico, a inspirar-se nos dons do passado para compreender melhor o presente e projetar-se conscientemente para o futuro. [...] A dimensão religiosa não é, portanto, uma superestrutura; ela é parte integrante da pessoa, desde a primeiríssima infância; é abertura fundamental à alteridade e ao mistério que preside cada relação e cada encontro entre os seres humanos. A dimensão religiosa torna o homem mais homem.»²⁵

Da mesma forma os Bispos portugueses no seu documento sobre a Educação Moral e Religiosa Católica afirmam, que,

²⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2007, p. 16.

²⁵ BENTO XVI, *Discurso aos professores de religião católica nas escolas italianas*, Roma, 25 de abril de 2009. Consultado em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html.

«A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais.»²⁶

Educar pressupõe ter em consideração o que é o homem na relação consigo mesmo e na sua relação com os outros. A pessoa, ao longo da vida e na tentativa de conseguir uma educação integral, passa por processos de construção que necessitam que se tenha em conta as várias dimensões da vida.

«De facto, subjacente à crise da educação, encontra-se frequentemente uma visão reduzida da pessoa que leva a valorizar parcialmente algumas componentes ou valores em detrimento da verdade plena sobre o homem.»²⁷

Em primeiro lugar, e para além de ser única, a pessoa é um ser social. Ela é composta por um conjunto de dimensões articuladas harmoniosamente entre si, que lhe concedem uma unidade estrutural de ser humano, de ser relacional e ser espiritual. Neste sentido, poderíamos dizer que a disciplina de EMRC tem um papel preponderante, pois contempla todas as dimensões no seu currículo, tal como outras áreas do saber, mas com finalidades, métodos e especificidade peculiar, que permitem uma maior abrangência na vida dos educandos.

Ao lidar com a pessoa em desenvolvimento, a lecionação da disciplina de EMRC está impregnada de relações interpessoais e comunicacionais. Como que constrói teias que obrigam às mais variadas e complexas articulações. Por isso, o professor de EMRC deve estar constantemente num processo de conhecimento de saberes, relação, comunicação, vida e tudo o que envolve a pessoa do aluno. Ter sempre a ideia clara de

²⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006, nº 11.

²⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral, Educação Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002, nº 2.

que este não é um ser isolado e precisa de ajuda para se desenvolver. A este respeito, José Rodríguez Carballo citando S. Boaventura, a dada altura diz,

«A pessoa revela-se não como um ser solitário, autossuficiente nem Absoluto» e acrescenta, «mas como um centro ou um núcleo de relações com o mundo, os homens, o Transcendente e consigo mesmo. Estas relações se interagem e se integram na promoção do crescimento do ser humano.»²⁸

Uma das mais importantes tarefas da educação é ajudar o aluno a realizar-se como tal e a idealizar, para si mesmo, um projeto de vida que o coloque frente aos outros e à sociedade com potenciais de felicidade. Não será esta uma tarefa peculiar da disciplina de EMRC? Tentaremos verificar a sua veracidade na segunda parte deste Relatório a partir de duas unidades letivas do quinto ano, a UL1, *Viver Juntos* e a UL4, *Construir Fraternidade*.

²⁸ CARBALLO, Fr. José Rodríguez, *Ide e Ensinai – Diretrizes para a Educação Franciscana*, OFM Secretariado para a evangelização, Roma, 2009, p. 21.

II – Prática Letiva de Educação Moral e Religiosa Católica

Como foi dito anteriormente, a Educação Moral e Religiosa Católica tem uma função acrescida de responsabilidade perante aqueles que serão o futuro da sociedade. Num mundo em mudança, cabe-lhe a tarefa de ajudar a construir uma escola com mais qualidade e humanidade, onde o *bem comum* e o *cuidado do outro* sejam uma realidade efetiva. Hoje, viver no mundo plural, multicultural desafia-nos a aprender e até a reaprender a viver juntos e tentar construir uma fraternidade universal. Neste sentido pareceu-nos oportuno abordar estas temáticas, presentes no Programa de EMRC, no 5º ano de escolaridade e que servem de mote a este Relatório como já foi mencionado. Mas antes de abordar cada uma delas, faremos uma pequena contextualização do meio onde a PES ocorreu.

1. Caracterização da Escola e da Turma

a. Caracterização da Escola

A Escola onde a Prática de Ensino Supervisionada decorreu pertence ao Agrupamento de Escolas D. Dinis, Leiria. Trata-se da Escola Básica de 2º e 3º Ciclos D. Dinis, sede do Agrupamento situada na Rua Dr. João Soares, Leiria.

Serve a população predominantemente da área urbana de Leiria, abrangendo também a localidade de Barosa. Ao seu redor estão situados o Liceu e o Instituto Politécnico de Leiria.

O agrupamento em que a escola se encontra inserida foi formado a 13 de junho de 2003. Fazem parte desse agrupamento os Jardins de Infância (JI) de Barosa, Capuchos e Guimarota; as Escolas do Primeiro Ciclo do Ensino Básico (EB1) Amarela, Arrabalde, Branca, Capuchos e Guimarota e de Barosa. Todos estes estabelecimentos escolares se

localizam na freguesia de Leiria, à exceção da EB1 de Barosa que pertence à freguesia que lhe dá nome.

A Escola Básica de 2º e 3º Ciclos D. Dinis foi criada a 9 de setembro de 1968, sendo à época denominada por Escola Preparatória D. Dinis e tendo as suas instalações num outro local que não o de hoje.

A Escola passou para as atuais instalações no ano letivo de 1984/1985. É ela uma réplica de outras escolas do mesmo género e da mesma altura, sendo isso visível na disposição e localização dos vários blocos. Certamente que à época se aproveitou o mesmo desenho/mapa para realizar mais do que uma escola.

Esta Escola tem uma vasta área, perfazendo um total de 30 448 m², em que 4 915,62 m² são compostos por área coberta. A Escola é constituída por seis blocos, dos quais, três são destinados a salas de aula (A, B e C). Além destes há um pré-fabricado com uma sala de aula, sala de estudo e reprografia, um Pavilhão Gimnodesportivo e ainda um Polivalente. Este último comporta a Direção, Centro de Telefones, o SASE, Sala de Informática, Salas de Professores, Gabinete de Diretores de Turma, Sala de Receção dos Encarregados de Educação, Gabinete de Psicologia, Sala de música, Cozinha, Bar/Bufferet, Refeitório e um amplo espaço de convívio. No primeiro andar, encontra-se a Biblioteca/Centro de Recursos.

O Polivalente costuma ter música ambiente com videoclips no intervalo. Trata-se de uma forma de cativar e motivar os alunos a deslocarem-se ao Polivalente. É um ambiente animado com músicas que os alunos apreciem e que, muitas vezes, até dançam as coreografias das músicas que vão passando. Quem tem a tarefa de passar os videoclips é uma professora de música da escola. Além disso, este espaço costuma ter exposições relativas às várias atividades dos clubes que existem na escola e nos quais os alunos têm à sua disposição. Estes clubes vão desde o desporto escolar, passando pelo teatro, artes, Clube Europa, Ciências Experimentais, Eficiência Energética, Robótica, Programação ou ainda o Clube de Língua Gestual Portuguesa. Este último faria, no meu entender, todo o sentido em qualquer escola, no intuito da inserção de crianças com necessidades especiais e também com o objetivo de alargar os conhecimentos linguísticos e de comunicação de toda a comunidade escolar. Neste estabelecimento, faz ainda mais sentido, uma vez que no agrupamento existe uma Unidade de Educação Bilingue a alunos surdos.

Tendo como base os dados estatísticos no presente ano escolar, frequentam neste ano letivo 742 alunos, distribuídos pelo 2º Ciclo e 3º Ciclo.

Funcionam ainda 5 turmas de Educação e Formação de Adultos, numa parceria com o Estabelecimento Prisional de Leiria.

É de salientar que a Escola-Sede tem um ambiente que prima pela amabilidade, respeito, responsabilidade e afincamento pelo que se faz. Isso está patente na classe docente, e também nos funcionários, que zelam pelo bom funcionamento da escola. Isso torna-se particularmente visível quando se entra na escola, pela funcionária da portaria, pelos funcionários dos vários blocos e também pela forma como os funcionários do buffet, cantina e cozinha se organizam. A cantina, por exemplo, prima por um ambiente bastante sereno sem grandes tropelias nem barulho excessivo, algo que costuma ser tão característico em muitas cantinas escolares.

A escola é frequentada, na sua maioria, por alunos de um estatuto socioeconómico médio-alto. Assim, a maioria não beneficia de nenhum tipo de auxílio económico. Mais de 80% dos alunos, segundo o Relatório de Avaliação Externa de 2011/2012²⁹, possui um computador com ligação à Internet.

Segundo esse mesmo relatório, a grande parte dos Encarregados de Educação possui, habilitações académicas até ao ensino secundário ou ensino superior. Esses dados superam de forma significativa as médias nacionais sobre a formação académica dos pais. Este traço não deixa de ser relevante³⁰. Sabe-se o quanto é importante que os pais estejam presentes e envolvidos na escola e no processo de aprendizagem dos seus educandos, e sabemos que os pais com mais estudos, têm maior noção da importância da escola e colaboram de forma mais estreita com a mesma na aprendizagem dos seus filhos.

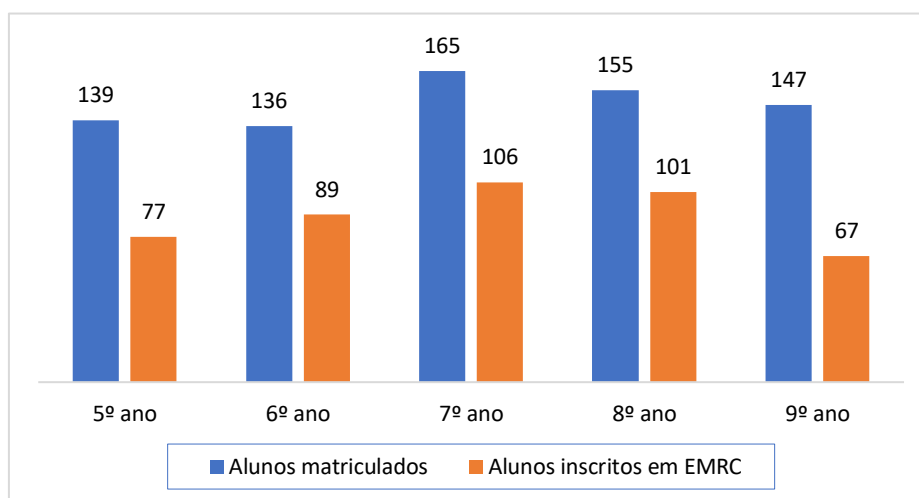
Essa preocupação com o desenvolvimento nas diversas potencialidades dos alunos, não existe apenas por parte dos pais, ela é também preocupação dos professores e da Direção, evidenciada na existência de Quadro de Valores e de Quadro de Excelência, como existe em tantas escolas do nosso país. Todavia este agrupamento ainda tem outros

²⁹ INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Avaliação externa das escolas – Relatório do Agrupamento de Escolas D. Dinis - Leiria 2011/2012*, consultado a 11.04.2017 em: http://eb23ddinis-m.ccems.pt/file.php/456/Relatorio_de_avaliacao/AEE_Escolas_de_D.Dinis_161639_Relatorio.pdf.

³⁰ *Ibidem*, p.3.

quadros como o Quadro de Mérito Artístico, Desportivo, Científico e Cultural. Deste modo, os alunos com maior destreza nalguma destas áreas poderão ser contemplados com esta distinção. Trata-se sem dúvida de uma forma de motivar os alunos para desenvolver as suas aprendizagens e aprimorar as suas capacidades.

Na escola existem alunos de diversas nacionalidades. Só no ensino básico a percentagem é de 9,8%. Para que a inserção ao nível da língua seja feita o melhor possível, a escola disponibiliza Português para Falantes de Outras Línguas. Por ser das mais diversas nacionalidades, muitos desses alunos têm uma cultura diferente e conseqüentemente, em muitos casos, também uma Religião diferente da Católica. Existem alguns alunos (cerca de cinco) de crença Muçulmana. Quanto aos cristãos, existe alunos Ortodoxos da Igreja Grega e Russa e alunos Evangélicos. Em termos genéricos no 2º e 3º Ciclos estão matriculados na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica da seguinte forma,



É de destacar que todas estas comunidades convivem de forma harmoniosa na escola. Tal como refere Arends³¹, que a escola possa ser um local de verdadeira inclusão, pois isso é uma mais-valia para o crescimento dos discentes enquanto futuros cidadãos.

³¹ ARENDS, Richard I., *Aprender a Ensinar*. Mc Graw Hill, Lisboa, 2008, p. 53.

A Escola do 2º E 3º Ciclos D. Dinis é uma escola com um ambiente humanamente saudável e um local onde os alunos têm a possibilidade de crescer enquanto pessoas a nível de conhecimentos, mas também a nível de valores e atitudes. Assim, para além das áreas curriculares, oferece também uma diversidade de Clubes e Projetos para enriquecimento curricular. De destacar, o Plano Nacional de Cinema, dinamizado pelo professor cooperante do Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada (PES).

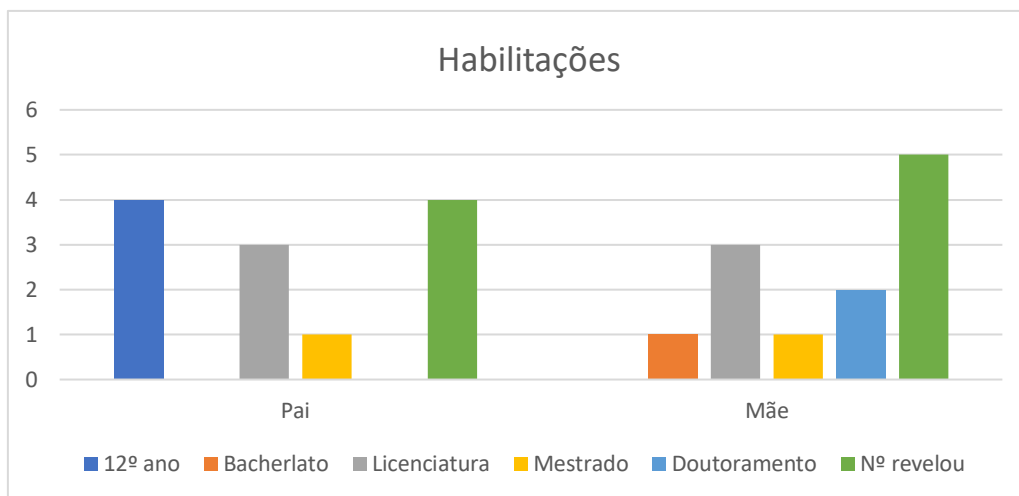
b. Caracterização da Turma

Ao longo da lecionação da PES, trabalhei com uma turma de 5º ano, uma turma heterogénea, constituída por 22 alunos, dos quais 12 matriculados em EMRC. Todos os dados que se seguem dizem respeito apenas aos 12 alunos destinatários da Prática de Ensino Supervisionada. Assim, a turma constitui-se por 9 alunas do sexo feminino e 3 alunos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 9 e 10 anos. É de salientar a existência de 2 alunas com Necessidades Educativas Especiais, que não requerem nesta área curricular nenhuma alteração ao currículo escolar.

Em geral, é uma turma bastante afável, comunicativa, participativa, interessada, gostam de aprender e obter bons resultados. Os alunos possuem naturalmente ritmos de trabalho diferentes, o que se justifica pela heterogeneidade dos níveis de desenvolvimento intelectual, maturacional e afetivo, mas sem qualquer prejuízo ao aproveitamento letivo. Regra geral, são alunos que obtêm bons resultados académicos, e apreendem os conteúdos com bastante facilidade.

A proveniência familiar dos alunos e nível socio-económico é médio alto, com possibilidades de acompanhamento e resposta às exigências escolares, daí se verificar que em termos culturais, a grande maioria dos alunos manifesta possuir uma cultura geral muito boa.

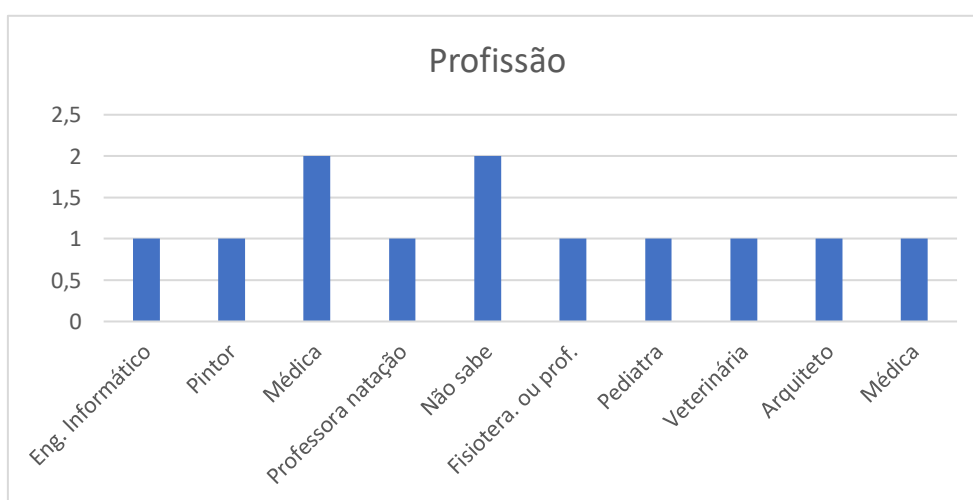
Apresento de seguida o gráfico que representa as habilitações literárias dos pais.



Os pais apresentam-se como pessoas muito interessadas pelo percurso académico dos seus educandos e, em muitos casos, também se interessam pelas questões de comportamento, postura nas aulas e conduta moral dos seus filhos³².

A maioria dos alunos tem a mãe como Encarregada de Educação, 4 alunas não têm irmãos, todos estudam em casa e com a ajuda dos familiares, à exceção de 1 aluna que estuda sozinha.

Em termos de um futuro profissional é interessante verificar a diversidade de opções.

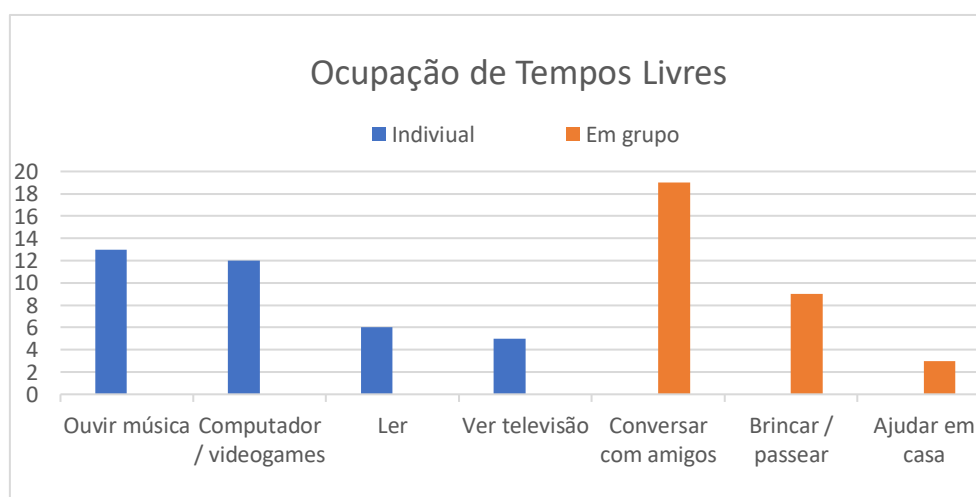


³² Informações obtidas na reunião intercalar de novembro, onde estive presente.

Não queria terminar esta breve caracterização sem mencionar um dado significativo e pertinente para a reflexão que farei posteriormente - a ocupação dos alunos nos tempos livres, pois é reveladora de uma certa ambiguidade entre a busca do individualismo e a procura do outro.

OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES							
Ouvir música	13	Ler	6	Ver televisão	5	Computador / videogames	12
Brincar / passear	9	Ajudar em casa	3	Conversar com amigos	19	Outros	0

De uma forma gráfica e de certa forma relativa, pois as variantes em si também elas suscitam alguma ambiguidade, representaria as suas escolhas da seguinte forma:



* Os dados apresentados neste gráfico têm como população inquirida toda a turma.

Será que é mesmo correto dizer que vivemos num mundo individualista? É certo que nesta idade a segurança ainda está no outro e por isso se preza a relação, mas também é verdade que a partir do momento em que entraram as tecnologias na vida destas crianças, o paradigma começa a mudar e talvez seja importante perceber se é ou não é difícil “Viver Juntos” e “Construir Fraternidade”.

No seu conjunto, e apesar das diferenças provenientes e inerentes à própria idade, a turma é bastante coesa e apresentou uma constante motivação para a aprendizagem.

Ao longo da PES os alunos demonstraram-se sempre interessados, cumpridores das tarefas propostas, atentos, autónomos e persistentes. Todos os alunos participam nas atividades escolares que lhes foram propostas ou sugeridas, inclusive as alunas com Necessidades Educativas Especiais, que apesar de manifestarem alguma dificuldade na compreensão e expressão através da escrita, sempre realizaram o solicitado e com sucesso.

Posso concluir, dizendo que todos eles, ao longo da prática letiva, se aceitaram e respeitaram como iguais, tornando a turma coesa, unida, fraterna e com um grande sentido de companheirismo entre eles e comigo.

Com base nesta breve caracterização do meio onde decorreu a PES, passamos agora à reflexão dessa mesma prática.

2. Reflexão sobre a Prática Letiva

Perante o imenso leque do que é a religião, a cultura, a escola e a EMRC, é momento de refletir na pertinência das Unidades Letivas selecionadas e na sua contribuição para a melhoria do ensino da disciplina em causa. Como já foi referido anteriormente, trata-se de uma disciplina que por excelência preza a educação integral do aluno, e contribui para uma leitura da própria vida, na história, segundo a perspetiva católica. Mas, para que isso seja uma realidade, tanto os educadores como os educandos, devem cooperar, sabendo que, o educando,

«...progride no processo educativo na medida em que toma consciência da sua dignidade e da dignidade dos outros, em que se concilia, a pouco e pouco, com o seu meio humano e com o próprio ambiente e em que aprende a própria relação com o divino, a qual permite perceber todos os contornos da sua existência pessoal e social.»³³

E ao educador por sua vez,

«...cabe um árduo trabalho, expresso em variadas vertentes: descobrir e orientar as capacidades de cada um dos educandos; alimentar adequadamente, pela proposta de conhecimentos e atitudes, a sua real existência, a fim de que ele se compreenda e se tome a sério como ser em construção e como membro de um corpo em crescimento, que é a sociedade; transmitir valores morais universais sobre os quais se alicerça uma vida com sentido e com futuro.»³⁴

Trata-se, portanto, de um trabalho conjunto, que exige criar laços. Laços de uns com os outros dentro do próprio contexto escolar e com a comunidade educativa, laços com os outros saberes disciplinares e laços com a própria sociedade.

Assim sendo, as unidades lecionadas são mais oportunas na construção de uma vida com sentido e com futuro, como referiram os nossos Bispos na *Carta Pastoral, Educação Direito e Dever*.

Depois desta breve introdução, passamos à reflexão de cada uma das unidades.

³³ CEP, *Carta Pastoral, Educação Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*, p.7.

³⁴ *Ibidem*.

a. UL1 – Viver Juntos

i. Estrutura e organização

Como mencionei anteriormente, este relatório centra-se nas Unidades Letivas 1 e 4 do 5º ano de escolaridade, a UL1- “Viver Juntos” e a UL4 – “Construir Fraternidade”. Passarei agora à fundamentação das mesmas tendo em conta a sua estrutura, organização e pertinência.

A UL1 dá início a um novo percurso de vida dos discentes, pois estes encontram-se pela primeira vez numa nova realidade escolar, onde na maior parte das vezes tudo é novo: a escola, a turma, os professores e as disciplinas, nomeadamente a de EMRC, de acordo com a realidade deste Agrupamento, que no 1º Ciclo não contempla a lecionação da disciplina. É este um dado significativo, para compreendermos algumas lacunas, da parte dos alunos, no que respeita ao conhecimento básico da religião católica.

Tendo então como base esta realidade, considero a unidade perfeitamente integrada no programa para o 5º ano. Ela contempla seis objetivos a alcançar:

«1º Valorizar a mudança como condição do crescimento humano; 2º Identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho; 3º Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento; 4º Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança; 5º Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana e 6º Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes. »³⁵

A par dos objetivos ela orienta-se pelas metas curriculares:

³⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. SNEC, Moscavide, 2014, pp. 53-54.

«B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; F. Conhecer a mensagem e cultura bíblica; P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã e G. Identificar os valores evangélicos.»³⁶

Quanto aos conteúdos, estes podem dividir-se em três secções:

Na primeira, tendo em conta a experiência humana, eles passam pela compreensão de que a mudança é uma constante na nossa vida, temos modelos que nos precederam e podem ajudar a fazer o caminho, há uma panóplia de grupos na sociedade, na paróquia..., cada um com as suas características, critérios e até carisma, o que nos permite integração naquele que mais nos pode ajudar a ser felizes; na segunda, uma reflexão religiosa, em que é apresentado Deus como Aquele que dá o exemplo e toma a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade; e na terceira secção, uma interpretação ética, em que se apresenta a Aliança como facilitadora de relações, promotora de uma convivência pacífica.

Está dado o mote para o ponto seguinte, a pertinência pedagógica desta unidade.

ii. Pertinência Pedagógica

Logo nas primeiras duas aulas, ao deparar-me com a realidade que tinha à minha frente aprendi que viver juntos mesmo dentro de uma sala de aula é algo complexo, pois exige uma série de regras de convivência, que passam necessariamente pela apreensão de alguns valores. Comecei então a constatar que, quando se tratava de fazer algo em comum, a seleção de pares se definia sob o critério de amizade e de capacidade e, quando lhes era proposto uma alteração, a dificuldade de interagir era notória. Tinha diante de mim uma certa cultura de individualismo que havia que desmontar, para construir relações com base na partilha e colaboração. Apraz perguntar como Botton,

³⁶ *Ibidem.*

«Como podemos viver juntos? Como toleramos os defeitos dos outros? Como aceitar nossas próprias limitações e amainar a raiva? Um grau de didatismo zeloso é mais uma exigência que um insulto. A diferença entre a educação cristã e a secular se revela com particular clareza nos respectivos métodos característicos de instrução: a educação secular fornece aulas, o cristianismo, sermões. Em termos de intenção, poderíamos dizer que uma se preocupa em transmitir informação, a outra, em mudar nossa vida.»³⁷

Sem dúvida que qualquer convivência carece de um primeiro momento de conhecimento do outro, e por isso a minha lecionação, desta unidade, começou por aí.

Aprender a viver juntos, hoje é um desafio na ação educativa e com mais pertinência na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Viver juntos é viver com e para os outros, e o facto de existirem vários grupos na sociedade só enriquece, pois dá-nos a oportunidade de escolher, segundo a importância que cada um deles tem para a construção da vida em cada um de nós.

Foi assim que iniciei a segunda aula, com a síntese da semana anterior, recordando que é importante conhecer os outros para criar com eles uma relação de proximidade, de forma a constituirmos um grupo (turma), pois ninguém vive isolado.

Segundo a Lei de Base do Sistema Educativo,

«A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva.»³⁸

³⁷ BOTTON, Alain de, *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre a utilização da religião*. Publicações D. Quixote, Lisboa, 2012, p. 95.

³⁸ Lei nº 49/05 de 30 de agosto, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, art. 2º, nº 5.

Um empenho que exige naturalmente valores de convivência, como a colaboração, a aceitação dos outros e das suas características pessoais, disponibilidade para ouvir, respeito, paz, verdade, justiça e bondade.

Assim, na terceira aula desafiei os alunos a construírem as suas próprias regras para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Salientei que, para que um grupo funcione bem, são importantes as regras, mas também o compromisso de as cumprir. A esse respeito, Sacristán diz,

«Aprender é assimilar e enraizar-se em tradições históricas de significado. Mas, além disso, é ainda uma forma de criar laços de semelhança entre sujeitos que experimentem processos de aprendizagem de uma dada cultura, na mediada em que partilham algo que os assemelha: formas de compreender, normas de civilidade, regras morais, padrões de avaliação estética, etc. Para poder estabelecer regras estreitas entre as pessoas, é preciso que estas participem num mínimo de cultura comum, regras para o intercâmbio, significados e linguagens.»³⁹

Afirma o autor que é preciso uma cultura comum, para se estabelecerem regras estreitas entre as pessoas, a disciplina de EMRC é ocasião de entrelaçar a multiculturalidade, a partir da perspectiva cristã.

Se é verdade que na nossa experiência humana, para viver em grupo, é preciso cultivar os valores de convivência, não é menos verdade que, no que respeita à reflexão religiosa, também é preciso, como cristãos, estabelecer alianças de uma forma generosa e desinteressada.

De diferentes formas, em tempos e lugares diferentes, Deus estabeleceu uma Aliança com a humanidade. Foi assim que na quarta aula, apresentei as várias formas que Deus usou para fazer Aliança. Foi uma aula aparentemente “evangélica”, mas cheia de significado e pertinência, a partir do momento que em que tomei consciência do leque variado de conhecimento, bíblico, ou não bíblico, dos alunos que tinha à minha frente.

³⁹ SACRISTÁN. J., *Educar e Conviver na Cultura Global*. Edições Asa, Coleção Perspetivas Atuais / Educação, Porto, 2003, p. 173.

Para alguns, foi a primeira vez que viram a Bíblia e ouviram falar dela. Se me é permitido, volto à mesma citação de Sacristán, «Para poder estabelecer regras estreitas entre as pessoas, é preciso que estas participem num mínimo de cultura comum, regras para o intercâmbio, significados e linguagens.»⁴⁰

Como referi anteriormente, cada unidade é dividida como que em três secções. Chegou o momento da terceira: Esta refere-se à prática de tudo aquilo que foi abordado ao longo da unidade. Deus quer continuar a estabelecer uma Aliança com a humanidade e ensina-nos a fazer o mesmo entre nós. Já a quinta e última aula que lecionei, desta unidade, prendeu-se com a questão: Que implicações tem esse facto (da Aliança de Deus com a humanidade), na vida quotidiana de cada um?

A pessoa tem potencialidades para desenvolver e vivenciar todos os valores constitutivos do bem comum. Verhack, refere que,

«É importante sublinhar que as nossas escolas são, precisamente, os lugares de encontro entre os jovens e os educadores e são o espaço onde uns e outros descobrem juntos a realidade, onde aprendem a respeitar uma ordem social e moral, onde atuam em conjunto e em conjunto assumem responsabilidades. É lá (comunidade escolar) que os jovens descobrem a sua liberdade positiva, elaboraram e assumem orientações filosóficas e comprometem-se, pouco a pouco, na sociedade.»⁴¹

Faltou talvez a Verhack, mencionar que a aula de EMRC é aquela que mais reúne as condições necessárias para que o encontro aconteça, e não seja apenas uma descoberta da liberdade, um elaborar e assumir orientações filosóficas, um comprometer-se com a sociedade, mas seja também uma possibilidade de encontro com o transcendente. Pois, aprender a viver juntos é aprender a crescer juntos e a construir uma nova sociedade, como diz Morais,

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ VERHACK, E., “A escola católica numa encruzilhada de caminhos, no início do novo milénio”. *Escola Católica Proposta e Desafio*. Atas do I Congresso de Escolas Católicas. Centro Pastoral Paulo VI, 13 – 15 de novembro. Associação Portuguesa de Escolas Católicas, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 216.

«Através da aprendizagem recria-se o saber. Através da aprendizagem cresce-se, um crescer “juntos”. Através da aprendizagem é-se verdadeira comunidade onde se dialoga e pensa conjuntamente. Onde se partilham valores assumidos e vividos por todos. Onde o crescimento individual se torna experiência que transforma a cultura invisível do todo comunitário das nossas escolas em ambientes de respeito pelo outro, onde todos são valorizados, onde os êxitos pessoais são celebrados, como vitórias conjuntas, onde a diferença é a comunhão, onde a vida acontece como compromisso e ajuda, de crescimento, para uma sociedade nova.»⁴²

Como reflexão da minha prática pedagógica, posso dizer que me deu muito gozo lecionar esta UL, pois na minha vida de “itinerância”, confronto-me com esta realidade de ir aprendendo a viver com, dentro da realidade que me é confiada. Penso que consegui atingir os objetivos propostos pela unidade, as planificações foram feitas com o devido cuidado, as atividades propostas foram aliciantes, ajudaram a consolidar conhecimentos e a pô-los em prática, enfim, posso dizer que as metas foram alcançadas. Como diz Postic,

«Qualquer opção educativa é um ato de fé em valores e, por isso, desperta o desejo de transformar os outros. [...] É nas relações sociais introduzidas pelo ato educativo que o indivíduo – criança, adolescente ou adulto – se descobre, evolui e se estrutura. [...] A relação educativa é um conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos.»⁴³

Quanto à pertinência pedagógica desta unidade, no meu entender ela é bastante relevante num mundo como o nosso, global. É como que um trampolim para a construção de uma casa comum, onde se prima pelo *bem comum* e pelo *cuidado do outro*.

Seguem as planificações usadas ao longo da UL.

⁴² MORAIS, T., “Que educadores na escola católica?”, *Fórum da Escola Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Moscavide, 2007, p. 110.

⁴³ POSTIC, M., *A relação pedagógica. Uma obra fundamental para: educação, psicologia social e psicanálise*. Padrões Culturais Editora, Lisboa, 2008, pp. 26 e 27.

Nível: 5º ano


Unidade Letiva: Viver Juntos

Lição: 5 (aula 1)

Data: 17/10/2017

Ano Letivo: 2017/18

Sumário: Apresentação da professora e dos alunos. Conhecer as pessoas que agora começam a fazer parte da vida. Abraão como modelo de mudança e crescimento.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa	
B. Construir uma chave e leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Conhecer a professora e os alunos.	Conhecimento mútuo.	Jogo “Quem não imita não joga”.		5’	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos.	
	1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.	A mudança, uma constante na vida.	Diálogo professor/ aluno e aluno/aluno; acerca das mudanças interiores e exteriores.	Manual do aluno.	10’		
	2. Identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho.	Abraão modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior.	Leitura e exploração do texto: “Conhecer os outros”.	Leitura do texto Gn 12, 1-8 e confronto com a própria experiência de vida.	Manual do aluno.	10’	Interação e envolvimento individual dos alunos.
				Síntese da aula.	Chaveiro.	5’	Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.

Proposta de síntese: É preciso conhecer os outros e aprender com eles a superar as mudanças na vida. A Bíblia apresenta-nos Abraão como alguém que confiou em Deus e O seguiu com confiança.

Nível: 5º ano


Unidade Letiva: Viver Juntos

Lição: 6 (aula 2)

Data: 24/10/2017


Ano Letivo: 2017/18

Sumário: Exercício de memória. A importância de viver em grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
B. Construir uma chave e leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento.	Os grupos onde me insiro: Família, Escola, Turma, Amigos, Paróquia, Catequese, Escuteiros, Desporto... Característica dos grupos: finalidades e objetivos comuns. Integração nos grupos: colaboração, aceitação dos outros, disponibilidade e participação. Critérios éticos de seleção dos grupos: objetivos a atingir, meios usados, formas de organização, atitudes e comportamentos.	Acolhimento.	Caderno	5'	Ficha diagnóstica. Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.
			Sumário.	Diário		
			Exercício de memória.	Ficha.	10'	
			Através da técnica de chuva de ideias , os alunos definirão, o que é um grupo e partilharão a que grupos pertencem.	Quadro.	12'	
			Leitura do diálogo entre o Miguel e a Maria (colegas virtuais).	Manual do aluno p.18.	3'	
Visualização de um filme intitulado “ <i>Somos diferentes, mas precisamos uns dos outros</i> ”, sobre a importância da integração num grupo.	Projeter.	10'				
Debate de ideias sobre os critérios que levam a escolhas desses mesmos grupos.						
Síntese da aula.	Chaveiro.	5'				

Proposta de síntese: Juntamo-nos por grupos, de acordo com os nossos gostos e valores, pois só crescemos verdadeiramente na companhia dos outros.

Sumário: As regras, normas ou leis que orientam a vida em grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
B. Construir uma chave e leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento.	Critérios éticos de seleção dos grupos: objetivos a atingir, meios usados, formas de organização, atitudes e comportamentos.	Acolhimento.	Caderno	5'	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.
			Sumário.	Diário.	7'	
			Diálogo professor/ aluno e aluno/aluno; acerca da importância das regras e normas num grupo. Como exemplo: A Constituição da República Portuguesa e o Regulamento Interno da Escola.	Manual do aluno p.22/23.	18'	
			Leitura dialogada do texto “ <i>Uma terrível Sanção</i> ” e exploração do mesmo. Com o respetivo diálogo do Miguel e da Maria (colegas virtuais).	Papel.	10'	
			Elaboração de duas ou três regras do grupo da disciplina de EMRC.			
			Síntese da aula.	Chaveiro.	5'	

Proposta de síntese: Todos os grupos têm de ter regras ou normas para organizar a convivência entre as pessoas.

Nível: 5º ano


Unidade Letiva: Viver Juntos

Lição: 8 (aula 4)

Data: 07/11/2017

Ano Letivo: 2017/18

Sumário: Deus estabelece uma Aliança com a humanidade.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	4. Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança.	Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade: Gn 9,8-13; Gn 15,18; Dt 5,1-33.	Acolhimento. Sumário. Visualização de um filme intitulado “As Alianças de Deus com a humanidade”, sobre Abraão, Noé e Moisés. Promoção do diálogo sobre as Alianças de Deus. Síntese da aula.	Caderno Diário. Quadro. Chaveiro.	5’ 30’ 5’ 5’	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.

45

Proposta de síntese: Deus ama a humanidade, mesmo quando esta falha.

Nível: 5º ano


Unidade Letiva: Viver Juntos

Lição: 9 (aula 5)

Data: 14/11/2017

Ano Letivo: 2017/18

Sumário: Com Deus aprendemos a construir alianças.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	5. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.	Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada. A Aliança é condição facilitadora de relação entre as partes.	Acolhimento. Sumário. Análise e interpretação de imagens em grupo. Exposição oral do trabalho de grupo. Visualização de um PowerPoint acerca dos vários tipos de aliança. Leitura da síntese unidade feita pelo Miguel e Maria (colegas virtuais). Síntese da aula.	Caderno Diário. Imagens. Projektor. Manual. Chaveiro.	5' 10' 8' 12' 5' 5'	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.

Proposta de síntese: Só é possível construir comunidade, fazendo alianças.

b. UL4 – Construir Fraternidade

O conceito de Fraternidade convoca a outros princípios como o *bem comum* (bem de todos) e o *cuidado do outro*. Bento XVI, na sua Encíclica *Caritas in Veritate*, diz que «A fé cristã, que se encarna nas culturas transcendendo-as, pode ajudá-las a crescer na fraternização e solidariedade universais com benefício para o desenvolvimento comunitário e mundial.»⁴⁴

A consciência de que temos uma origem comum, de que somos dotados de razão e inteligência, de que somos iguais em dignidade e vivemos numa casa comum, só nos pode levar a uma cultura de relacionamento entre os seres humanos, a que chamamos de Fraternidade.

i. Estrutura e organização

A UL4 é a última unidade letiva proposta para o 5º ano, no entanto pela importância que ela tem para este Relatório, antecipei a sua abordagem trocando a ordem com a UL3. Trata-se de uma unidade bastante densa nos seus conteúdos, mas oportuna para a faixa etária, dado que nesta fase da vida há uma sensibilidade própria para a convenção social.

Ela contempla sete objetivos a alcançar:

«1º Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano; 2º Valorizar a comum filiação divina; 3º Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs; 4º Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade; 5º Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão; 6º Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno e 7º

⁴⁴ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Editora Paulus, Lisboa, 2009, nº 59.

comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.»⁴⁵

A par dos objetivos ela orienta-se pelas metas curriculares:

«Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana; G. Identificar os valores evangélicos.»⁴⁶

Quanto aos conteúdos, estes podem dividir-se em três secções tal como já foi mencionado na UL anterior. Numa primeira secção, a experiência humana, explorando o conceito de «fraternidade» e a tomada de consciência da filiação divina; numa segunda secção, uma reflexão religiosa, recorrendo à imagem das primeiras comunidades cristãs, à tomada de consciência de que existe o mal e este é uma ameaça à fraternidade e que o perdão é a grande mensagem que o cristianismo traz à humanidade; finalmente, numa terceira secção, uma interpretação ética, o compromisso de construir um mundo mais fraterno, promovendo a concórdia nas relações interpessoais e primando na regra de ouro «O que quiseres que os outros vos façam, fazei-lho vós também.» (Lc 6, 31)

Se numa primeira abordagem acerca da UL1 se verificava a pertinência pedagógica, esta Unidade não é menos pertinente, pois alarga os horizontes, saindo de uma visão micro, para uma visão macro da nossa realidade, onde o universo e a terra são a nossa casa comum.

ii. Pertinência Pedagógica

Se é certo que, para viver juntos é preciso cultivar os valores de convivência, para construir a fraternidade, sobretudo na escola é preciso cuidar das relações interpessoais

⁴⁵ *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição 2014, p. 60.

⁴⁶ *Ibidem*.

fundadas no respeito de uns para com os outros. Relações e respeito, duas chaves de leitura.

Se a fraternidade significa uma boa relação entre todos os homens, a ponto de se reconhecer uma irmanação universal, então pode dizer-se como Merino,

«É urgente que nos revistamos de grande respeito pelo mundo dos seres, por irrelevantes que alguns nos pareçam, pois desde as formas mais simples às mais complexas, desde os seres aparentemente mais insignificantes aos mais proeminentes e majestáticos, todos são dignos da nossa atenção e respeito.»⁴⁷

Se o respeito é tao necessário para que a relação aconteça, então, como diz Núñez,

«A família humana é de facto “a primeira e a mais importante escola” de relações cordiais e fraternas. É nela que se aprendem virtudes sociais, como o respeito pelas pessoas, a gratuidade, a confiança, a responsabilidade, solidariedade, a cooperação, a tolerância, o perdão e a reconciliação.»⁴⁸

O autor foca conceitos fulcrais como o perdão e a solidariedade que abordarei nesta reflexão mais à frente. Prendo-me agora com o conceito de fraternidade, pois foi assim que iniciei a leção desta UL.

Após o acolhimento⁴⁹, sempre feito com alegria e entusiasmo, convidei os alunos a dirigirem-se ao quadro a escrever o seu conceito de fraternidade. Depois dessa chuva de ideias, propus consultar o dicionário. E de seguida construímos juntos uma síntese dos conceitos abordados: «1. Parentesco entre irmãos; 2. União entre irmãos; 3. Afeto ou

⁴⁷ MERINO, José A., *Manifesto Franciscano. Para um futuro melhor*. Editorial Franciscana, Braga, 1986, p. 25.

⁴⁸ NÚÑEZ, Martín C., *Ecologia Franciscana. Raízes da Encíclica Laudato Si do Papa Francisco*. Editorial Franciscana, Braga, 2016, p. 27.

⁴⁹ Consultar Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada (anexo a este Relatório em versão digital) primeira aula da UL4, aula 12.

carinho entre irmãos; 4. Amor ao próximo; 5. Convivência amigável entre comunidades.»⁵⁰

Fraternidade, um princípio valioso que nos ajuda a compreender o nosso ser no mundo.

«Este princípio ultrapassa de longe o princípio de solidariedade. Uma sociedade pode ser solidária sem chegar a ser fraterna. Enquanto a solidariedade procura a igualdade de todos, de modo que ninguém fique privado do necessário, a fraternidade vai muito mais além, dando enorme importância à individualidade e à singularidade de cada ser; quer dizer que além de dar valor à igualdade, valoriza também a diversidade.»⁵¹

Somos irmãos, e isso permite dizer que temos uma origem comum, somos dotados de razão e consciência, somos iguais em dignidade e a terra e o universo são a nossa casa, foram estes os conteúdos lecionados na segunda aula. Foi uma aula cuja explicação das tarefas considero ter sido bem feita, o que permitiu que o decorrer da mesma fosse fluido; a sala estava com uma disposição agradável e diferente do comum; o material plástico utilizado foi bem concebido; ao longo da atividade, o facto de sublinhar as palavras chave, levou os alunos a chegar aos conteúdos e consolidar os conhecimentos; não se descurou o uso do manual; a planificação foi também bem concebida e concretizou-se ao longo de uma aula que teve o seu crescendo, o que foi muito bom.

Salientamos dois pontos que poderiam ser clarificados: o primeiro - a distinção da dimensão religiosa e religião; o segundo - somos todos iguais, porque humanos.

Na terceira aula, fez-se memória do que tinha sido abordado anteriormente: a relação do Homem com o Homem, a relação do Homem com a Natureza e, desta vez, era chegada a hora de tratar da relação de Deus com o Mundo, através das Palavras e gestos de Jesus, como sublinha o Papa Francisco na *Laudato Si* (LS).

⁵⁰ Síntese que os alunos escreveram no quadro e caderno diário.

⁵¹ NÚÑEZ, Martín C., *Ecologia Franciscana. Raízes da Encíclica Laudato Si do Papa Francisco*, pp. 160-161.

«O cuidado da natureza faz parte dum estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão. Jesus lembrou-nos que temos Deus como nosso Pai comum e que isto nos torna irmãos. O amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos venha a fazer. Por isso, é possível amar os inimigos. Esta mesma gratuidade leva-nos a amar e aceitar o vento, o sol ou as nuvens, embora não se submetam ao nosso controle. Assim podemos falar duma fraternidade universal.»⁵²

A aula teve como recurso o uso de passagens bíblicas, com a devida precaução, para que não parecesse uma catequese. Cada leitura servia de mote ao diálogo de forma a adquirir os conteúdos próprios da aula. No final, recordei o percurso gradual, feito até ali, em relação ao conceito de Fraternidade, primeiro individual, depois definido pelo dicionário e manual escolar, para agora entrar na descoberta do conceito a partir de Deus.

Deus como Pai, que ama a todos. Nesta aula⁵³ os alunos foram desafiados a dar mais um passo e a considerar a filiação divina com a ajuda da dinâmica de construção e interpretação de um texto apresentado no manual.

Um texto que pretende ajudar a não esquecer a universalidade já invocada em aulas anteriores e que Bento XVI considera como fundamental para reconhecer Deus na vida.

«...quando digo a palavra “Pai”, sou consciente de que estou integrado na comunidade de todos os filhos de Deus, e de que todos estão em comunhão comigo. Assim, o discurso sobre Deus não afasta da responsabilidade pela terra e pelos homens, antes me devolve essa responsabilidade.»⁵⁴

⁵² FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*. Editorial Apostolado de Oração, Braga, 2015, nº 228.

⁵³ Consultar Portefólio da PES, 15ª aula, UL4.

⁵⁴ BENTO XVI, *Quem nos ajuda a viver? De Deus e do Homem*, Editorial Franciscana, Braga, 2006, p. 94.

Segundo Bento XVI, todos temos uma responsabilidade sobre esta casa comum, e por isso todos somos desafiados a construir o bem comum e a cuidar do outro.

O fim de qualquer sociedade é o bem da comunidade e quando se aborda a temática do bem comum não se cinge a uma coleção de bens privados, mas à soma e integração de tudo o que envolve o ser humano.

Segundo Maritain, a unidade social é a pessoa, este conceito leva à noção do bem comum como fim do todo social. Diz o autor, que, «O bem comum é comum porque é recebido em pessoas, cada uma das quais é como um espelho do todo.»⁵⁵

Para construir um mundo Fraternal é preciso viver os valores apreendidos e pensar que não basta construir no “quadro” um Pai Nosso da humanidade como na aula anterior⁵⁶, mas é preciso fazer disso vida. Assim, nesta aula⁵⁷ foi proposto aos alunos conhecerem pessoas que lutaram pelo bem comum e pelo cuidado do outro, cronologicamente de épocas diferentes, continentes diferentes e religião diferente.

Fiquei muito feliz com a aula, pois foi notória a adesão, o envolvimento, o entusiasmo dos alunos na atividade. Eles como eu saíram felizes e convictos de que,

«O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum.»⁵⁸

O método utilizado foi o da aprendizagem cooperativa e a brincar de um jeito sério, consegui que os alunos assimilassem os conteúdos.

Como diz Cury,

⁵⁵ MARITAIN, Jacques, *A pessoa e o bem comum*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1947, p. 53.

⁵⁶ Consultar Portefólio da PES, 15ª aula, UL4.

⁵⁷ Consultar Portefólio da PES, 16ª aula, UL4.

⁵⁸ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 13.

«O excelente professor não é o mais eloquente nem o mais culto, mas é aquele que é capaz de estimular a dúvida nos alunos e é capaz de transmitir o conhecimento como uma grande aventura, gerar o deleite, o prazer de aprender.»⁵⁹

Antes de terminar a leção da UL, dei uma ficha de trabalho⁶⁰ cujo objetivo foi fazer uma recolha de informações que permitissem ter dados explícitos dos conhecimentos adquiridos até então.

A escola é um lugar onde se vive para as pessoas, e viver para as pessoas é algo nobre, por isso na minha última aula da UL apresentei a minha história de vida, o meu testemunho como missionária, como alguém que foi chamada à vida, à vocação religiosa e missionária.

E essa partilha no contexto educativo torna-se vida, pois a partir do momento em que, «...os professores ensinam não só através do que dizem, mas como são; são por isso modelos de identificação para com os alunos.»⁶¹


Apresentamos de seguida as planificações utilizadas nesta UL, e que também se encontram no Portfólio anexo a este Relatório.

⁵⁹ CURY, A., “Escola católica – Jesus Cristo Paradigma. A psicopedagogia do Mestre dos mestres”. *Escola Católica Proposta e Desafio*. Atas do I Congresso de escolas católicas. Fátima, Centro Pastoral Paulo VI, 13 – 15 de novembro de 2003. Associação Portuguesa de Escolas Católicas. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 79.

⁶⁰ Consultar Portefólio da PES, 17ª aula, UL4.


⁶¹ REIMÃO, Cassiano Maria, *Novos olhares sobre a Educação: Temas, problemas e desafios*. X Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação Investigar, Avaliar, Descentralizar, Universidade Católica do Porto, 2009, p. 22.

Sumário: Conceito de Fraternidade.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
54 Q. Reconhecer, à Luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	O significado da palavra «fraternidade» e o seu alcance social e religioso.	Acolhimento.	Caderno Diário.	5'	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.
			Sumário.			
			Através da técnica de chuva de ideias , os alunos definirão, o que significa Fraternidade.	Quadro.	7'	
			Leitura do diálogo entre o Miguel e a Maria (colegas virtuais).	Manual do aluno p.92.	3'	
			Consulta do significado de Fraternidade no dicionário. (anexo 1)	Dicionários.	5'	
			Escrita dos significados no caderno.	Caderno diário.	5'	
Visualização e exploração de um filme sobre a mensagem do Papa Francisco para o dia mundial da Paz 2014. (anexo 2)	Projektor.	15'				
Síntese da aula.	Chaveiro.	5'				


Proposta de síntese: Fraternidade, laço de união entre os Homens.

Sumário: Somos irmãos. Trabalho de grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
55 Q. Reconhecer, à Luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	Somos todos irmãos: - Todos somos seres humanos; - Todos somos dotados de razão e consciência; - Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar.	Acolhimento.	Caderno Diário.	5'	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.
			Sumário.	Manual do aluno. Postic's. Marcadores Mapa Mundi.	20'	
			Trabalho de grupo; 1º fase: os alunos são divididos em 4 grupos e é-lhes distribuído um tema do manual do qual terão que retirar as palavras chave e escrever em postic's; 2ª fase: cada grupo partilha o resultado da 1ª fase de trabalho e coloca os postic's junto ao Mapa Mundi colocado ao centro da sala; 3ª fase: é distribuído um puzzle para construir e posteriormente colocar no Mapa; (anexo 1)	Puzzle.	7'	
			Concluído todo o painel será feita uma síntese sobre tudo o que está visível para eles. Entrega da síntese da aula. (anexo 2)	Chaveiro.	10' 3'	


Proposta de síntese: Temos a mesma origem, a mesma dignidade e o planeta é a nossa casa comum.

Sumário: O amor universal de Deus. A mensagem cristã do perdão. Leitura e interpretação de textos bíblicos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
<p>Q. Reconhecer, à Luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>	<p>2. Valorizar a comum filiação divina.</p> <p>5. Identificar a perspectiva cristã sobre o perdão.</p>	<p>Deus, como Pai, ama a todas as pessoas.</p> <p>A mensagem cristã sobre o perdão.</p>	<p>Acolhimento.</p> <p>Sumário.</p> <p>Leitura, visualização (anexo 1) e análise dos textos bíblicos: Jo 13,14; Mt 7,11; Mt 5,43-48 e Lc 6,36-38.</p> <p>Realização da atividade da pág. 101 do manual.</p> <p>Entrega da síntese da aula. (anexo 2)</p>	<p>Caderno</p> <p>Diário.</p> <p>Bíblia.</p> <p>Projektor.</p> <p>Chaveiro.</p>	<p>5'</p> <p>35'</p> <p>5'</p>	<p>Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos.</p> <p>Interação e envolvimento individual dos alunos.</p> <p>Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.</p>

Proposta de síntese: Deus ama a todos infinitamente. O perdão é a arma secreta para vivermos em paz.

Sumário: Construção do Pai Nosso da Humanidade.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.	Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo. O Pai Nosso da Humanidade.	Acolhimento.	Caderno	5'	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.
			Sumário.	Diário.		
			Leitura do diálogo entre o Miguel e a Maria (colegas virtuais).	Manual do aluno p.102	3'	
			Construção e interpretação do Pai Nosso da Humanidade. Os alunos terão à sua disposição uma serie de imagens que à vez vão escolher e colocar no respetivo lugar do Pai nosso. Como base de apoio seguirão o texto da p. 103 do manual. (anexo 1)	Quadro. Imagens. Manual.	32'	
			Entrega da síntese da aula. (anexo 1)	Chaveiro.	5'	

Proposta de síntese: Precisamos de construir fraternidade na nossa vida.

Nível: 5º ano


Unidade Letiva: Construir Fraternidade

Lição: 20 (aula 16)

Data: 27/02/2018

Ano Letivo: 2017/18


Sumário: O bem comum e o cuidado do outro. Dramatização da vida das personagens: Martin Luther King; Mahatma Gandhi; Francisco de Assis e Maria Clara do Menino Jesus.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 5'	Avaliação formativa
L. Estabelecer o diálogo entre a cultura e fé.	7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	Exemplos que promoveram o bem comum e o cuidado do outro.	Acolhimento.	Caderno Diário.	5'	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.
			Sumário.	Chaveiro.	15'	
			Entrega da síntese do Pai Nosso.	Biografia dos modelos de vida.	20'	
			Dramatização de modelos de vida doada: Martin Luther King; Mahatma Gandhi; Francisco de Assis e Maria Clara do Menino Jesus.	Símbolos representativos de cada personagem.		
			1º fase: os alunos são divididos em 4 grupos e é-lhes distribuído um modelo do qual terão que conhecer o mínimo da sua vida;			
			2ª fase: cada grupo partilha o resultado da 1ª fase com os restantes colegas usando o método de dramatização;			
			Entrega da síntese da aula. (anexo 1)	Chaveiro.	5'	


58

Proposta de síntese: Modelos que abriram caminho para um mundo melhor.

Sumário: Ficha de trabalho. Jogo de consolidação de conhecimentos.


Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano. 2. Valorizar a comum filiação divina. 6. Promover a construção quotidiana de um mundo fraterno.	O significado da palavra «fraternidade». Somos todos irmãos. Deus, como Pai. Construir um mundo fraterno.	Acolhimento. Sumário.	Caderno Diário.	5'	Registo escrito.
			Ficha de trabalho sobre a unidade letiva “Construir Fraternidade”. (anexo 1)	Ficha de Trabalho.	30'	
			Jogo dos dados: Os alunos são convidados individualmente a lançar dados cujas faces têm algumas figuras e a construir uma pequena história a partir dessas figuras relacionada com a unidade letiva.	Dados.	7'	
			Entrega da inscrição da visita de estudo.		3'	

Sumário: Testemunho missionário. Entrega e correção da ficha de trabalho.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
L. Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé.	7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida. Testemunho pessoal.	Acolhimento. Sumário. Apresentação em PowerPoint: do testemunho pessoal intitulado «Ser missionária». Partilha, debate... Entrega e correção da Ficha de trabalho. Entrega da síntese da aula. (anexo 1)	Caderno Diário. Projektor. Computador. Ficha de Trabalho Chaveiro.	5' 30' 5' 5'	Observação direta do empenho, participação e interesse manifestado pelos alunos. Interação e envolvimento individual dos alunos. Cumprimento das regras de sala de aula e relacionamento com os colegas e professor.

Proposta de síntese: Não podemos ficar à espera de que sejam os outros a construir um mundo melhor e mais fraterno. Cada um de nós tem a responsabilidade de fazer algo nesse sentido.

Sumário: Autoavaliação. Jogo de consolidação de conhecimentos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
L. Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé.	7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.	Acolhimento. Sumário. Autoavaliação. Jogo dos dados: Os alunos são convidados individualmente a lançar dados cujas faces têm algumas figuras e a construir uma pequena história a partir dessas figuras relacionada com a unidade letiva.	Caderno Diário. Ficha de autoavaliação. Dados.	5' 10' 30'	Registo escrito.

c. Considerações finais

Face a tudo quanto foi dito, considero que a leção das Unidades Letivas e de toda a Prática de Ensino Supervisionada foi bastante positiva. Posso dizer que tive cuidado com as planificações no sentido de serem claras, objetivas e praticáveis; a leção dos conteúdos foi adaptada à realidade dos discentes; considero que fui bem sucedida nas estratégias e recursos materiais usados; procurei utilizar, ao longo das aulas dadas, estratégias diversificadas, com recurso à exposição, ao diálogo, ao debate, à representação e construção de materiais; os materiais utilizados foram atrativos e de boa qualidade.

A partir de um olhar retrospectivo sobre a experiência vivida na PES, considero ter sido uma riqueza para mim como docente, para as colegas de núcleo, para o professor cooperante e para os alunos. Diria como Edith Stein, «O educador, se não está convicto do que pretende transmitir aos seus educandos, à partida tem a sua tarefa educativa votada ao fracasso»⁶², não foi o meu caso.

Acredito que é possível ajudar a formar pessoas autónomas, com um sentido do outro (Bem Comum) apurado e consciente, e que é no diálogo (Cuidado do outro) que se constrói a Fraternidade. Como refere Pinto,

«Na verdade, não parece existir nenhuma outra forma de ser-com, garante de sustentabilidade (isto é, de segurança e oportunidade/possibilidade), que não se faça pela prática de um diálogo social a que chamamos Fraternidade ou cuidado recíproco. Nenhuma vida será alguma vez genuinamente sustentável se não existir (ser-com) pelo cuidado (diálogo). Neste sentido, cuidar, ou ser fraterno, não é mais que garantir a cada qual, sem exceção, a maior segurança possível e as mais adequadas oportunidades.»⁶³

⁶² MACHADO, J., *Edith Stein, Pedagoga e Mística*. Editorial Apostolado de Oração, Braga, 2008, p. 218.

⁶³ PINTO, Henrique, AA.VV. *Fraternidade – Justiça, bem comum, economia e felicidade*, Padrões culturais Editora, Lisboa, 2011, p. 88.

Toda esta dinâmica que Pinto menciona, de garantir a maior segurança e adequadas oportunidades sem exceção, leva-nos a uma cultura peculiar, a do *Bem Comum* e do *Cuidado do Outro* que, em si, exige uma relação com o Outro, com os outros e com a natureza, aquilo a que poderíamos chamar de uma grande Família em Cristo.

3. Uma grande Família em Cristo – A cultura do Bem Comum e do Cuidado do outro

Na sua origem, a aspiração universal de viver em comunhão, não é exclusiva do cristianismo, pois ela está no *ethos* do homem.

A pessoa humana, desde o ato da sua criação, é sinal de comunhão. O homem, porque criado à imagem e semelhança de Deus - «Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança» (Gn 1,26) - reflete o ser-de-Deus. Um Deus em três Pessoas, um Deus em Unidade e Comunhão.

E, porque o homem reflete esse ser-de-Deus, é também sinal de unidade e comunhão, capaz de sair de si mesmo, capaz de construir e transformar o mundo. Por isso é que «Não é bom que o homem esteja só.» (Gn 2,18) e, na sua relação com o outro, vai permitir a descoberta de si mesmo e construir um “nós”, sem que a sua singularidade se perca, mas se potencie.

Assim começa a família, a célula base da sociedade humana. Tomar consciência de que todos fazemos parte de uma só família, é tomar consciência de que somos chamados a concretizar na vida do dia a dia o verdadeiro humanismo integral e solidário.

Foi o próprio Cristo quem nos introduziu nesta dinâmica: «Que todos sejam um só, como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti; que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste.» (Jo 17,21) Se é este, pois, o plano de Deus para toda a humanidade, isso significa que ele deve ser agora assumido e transformado em projeto pelo próprio homem. Para o cristão, trata-se de encarnar o amor de Deus e viver ao serviço do próximo, lutando pelo bem comum de todos os povos.

Contudo, vivemos de paradoxos. Num tempo em que é enorme o progresso científico e em que são tantos os meios que a tecnologia nos oferece, falar de carência de projetos para uma convivência adequada, capaz de tornar a existência do mundo e da vida do homem, aceitável e digna, é ainda difícil...a verdade é que ainda falta ao homem compreender e assimilar o facto de pertencer a uma só família. No dizer de Núñez,

«A criação é o lar que o Deus trino preparou para se encontrar com o homem em família, rodeado de todas as criaturas. Não é um mero espaço físico em que se vive, mas uma casa comum, uma morada onde se habita, se ama e se dialoga em liberdade.»⁶⁴

Segundo o autor, o lar é o nosso coração, é aí que estabelecemos as nossas relações com Deus, com os outros e com a natureza. Basta que uma destas dimensões falhe, para que os desequilíbrios espirituais, sociais e ambientais se façam sentir.

Tudo está relacionado e, por isso, o Papa Francisco fala de ecologia integral, onde a interação do sistema social e natural convergem num espírito de família e onde o *bem comum* deve reinar, sabendo que temos uma só casa e que devemos cuidá-la com amor, como Francisco de Assis ao cantar “Laudato si, mi Signore”.

«Neste gracioso cântico, [Francisco] recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar, ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras.»⁶⁵

Somos criaturas de Deus, a quem Ele responsabiliza por toda a Sua obra, e por isso, «Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um

⁶⁴ NÚÑEZ, Martín C., *Ecologia Franciscana. Raízes da Encíclica Laudato Si do Papa Francisco*, p. 209.

⁶⁵ FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*, nº 1.

aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa.»⁶⁶

Existência que não pode fechar os olhos e ficar indiferente às injustiças sociais, mas que deve denunciar tudo aquilo que fere a dignidade humana e destrói a sociedade. Este é um dos apelos fortes do Papa Francisco na *Laudato Si*, ao invocar a necessidade de implicar cada um na construção da casa comum.

«As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de uma nova solidariedade universal.»⁶⁷

Uma solidariedade, que beneficie a todas as criaturas e contribua para o desenvolvimento humano integral em todos os tempos e lugares, num discernimento constante, como havia dito Paulo VI,

«As condições da sociedade, obrigam-nos a todos a rever os métodos, a procurar, por todos os meios ao alcance, e a estudar o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã, na qual somente ele poderá encontrar a resposta às suas interrogações e a força para a sua aplicação de solidariedade humana.»⁶⁸

Uma aplicação com base no amor e através de pequenos gestos de cuidado mútuo a exemplo de Jesus Cristo e não perpetuando a atitude de Abel e Caim, figuras representativas do drama da fraternidade, em que um irmão elimina outro irmão.

No discurso de 25 de julho de 2013 em plenas Jornadas Mundiais da Juventude, o Papa Francisco faz um apelo aos jovens, «não queremos cristãos adormecidos. A realidade pode mudar, o homem pode mudar. Procurem ser vocês os primeiros a praticar o bem, a não se acostumarem ao mal, mas a vencê-lo com o bem.»

⁶⁶ *Ibidem*, nº 217.

⁶⁷ *Ibidem*, nº 14.

⁶⁸ PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Tipografia Barbosa & Xavier, Braga, 1976, nº 3.

Hoje, mais que nunca somos desafiados a responsabilizarmo-nos pelo outro e não e eliminá-lo. Pois,

«Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, económico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir». Neste contexto, juntamente com a importância dos pequenos gestos diários, o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade. Quando alguém reconhece a vocação de Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isto faz parte da sua espiritualidade, é exercício da caridade e, deste modo, amadurece e se santifica.»⁶⁹

Vivemos num tempo em que se preza a cultura do cuidado, mas talvez ainda não tenhamos alcançado o seu valor tal como foi expresso por Paulo VI na sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Uma cultura precedida de um amor nos mais variados campos da sociedade, um amor que nos vem de Jesus Cristo.

Como Ele, no seu tempo temos que procurar sem cessar novas formas de estar, de fazer e agir. Temos que aprender a viver numa grande família, mesmo sabendo que isso exige uma caminhada pessoal, social e sobretudo espiritual. Pois, como disse Núñez,

«Na grande família cósmica, nada nem ninguém é secundário ou acessório. Fazendo parte dessa enorme e apertada rede de relações, somos chamados a fortalecer os laços familiares e misericordiosos, enquanto caminhamos juntos em direção aos novos céus e à nova terra (Ap 21,1).»⁷⁰

⁶⁹ *Ibidem*, pp. 182-183.

⁷⁰ NÚÑEZ, Martín C., *Ecologia Franciscana. Raízes da Encíclica Laudato Si do Papa Francisco*, p. 276.

Núñez deixa o desafio de fortalecer laços familiares, como membros de uma grande família, onde os princípios orientadores, como a Dignidade da Pessoa, o Bem Comum, a Subsidiariedade e a Solidariedade não podem faltar.

Não se trata apenas de uma atitude moral, mas, como diz João Paulo II, de uma solidariedade que,

«...não é, pois, um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas, próximas ou distantes. É, pelo contrário, a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos.»⁷¹

Não será esse empenho pelo bem comum, a concretização da grande e transversal finalidade da disciplina de EMRC, «*Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência?*»

A partir deste pressuposto, podemos dizer que a disciplina de EMRC na sua particularidade, tem chaves de leitura para os dias de hoje, pois consegue equilibrar muito daquilo que faz parte da exigência científica, com aquilo que é proximidade afetiva e vivencial do aluno. No desenvolver das suas aulas ela tem como missão ajudar a abrir perspectivas novas, rasgar horizontes, concretizar a prática aprendida melhorando alguma coisa à sua volta, sempre a partir de uma perspectiva cristã.

É, pois, um grande desafio para esta disciplina marcar pela diferença o processo de educação integral dos alunos, onde a dimensão moral, religiosa ou espiritual tem o seu lugar na construção de uma grande Família em Cristo.

Como membros dela, temos o dever do compromisso para com a sociedade, sendo construtores da mesma, tornando vida a Fé que professamos. «Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.» (Mt 25, 40)

⁷¹ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. Editorial Apostolado de Oração, Braga, 1988, nº 38.

Neste contexto, somos levados a nos interrogarmos sobre a pertinência da cultura Franciscana Hospitaleira no contexto educativo e, concretamente, na Prática Letiva de EMRC.

É um desafio que nos merece atenção, contrariando, assim, as formas de subjetivismo difuso, de relativismo ético, que vão destruindo qualquer identidade comunitária.

III – Cultura Franciscana Hospitaleira. Um contributo para a Prática Letiva da EMRC

Hoje, uma experiência de fraternidade é transversal a múltiplas dimensões da existência humana, pessoal e em sociedade, e cabe ao engenho de cada um/a encontrar a forma de melhor a concretizar. A cultura Franciscana Hospitaleira com a sua Proposta Educativa é uma dessas formas. Tudo começou com um sonho da Beata Maria Clara do Menino Jesus - ter uma casa para acolher a todos quantos dormiam na rua e eram desprovidos da educação.

Falamos de uma mulher do séc. XIX, um tempo atribulado, mas rico em Fundações Religiosas. E é nesse contexto que nasce a CONFHIC. Foi fundada por duas grandes personalidades, Pe. Raimundo dos Anjos Beirão e Irmã Maria Clara do Menino Jesus. Segue de uma forma breve um pouco da sua riqueza espiritual e contexto social para percebermos o como é que eles viveram e o como projetaram o futuro.

1. A Fundação da Congregação⁷²

À época, em Portugal, o liberalismo derruba todo o processo tradicional da transmissão religiosa, à exceção daquela que subsistia nas famílias, nas quais permanece, muito forte, a convicção religiosa. Remontamos a 1834 aquando a publicação do Decreto de extinção das Ordens Religiosas masculinas e proibição de admissão de novos membros nas Congregações femininas. Bispos são expulsos e colocam-se, no seu lugar, autoridades eclesiásticas ligadas ao governo liberal.

Cresce o anticlericalismo e o anti congregacionismo, fomentando a indiferença religiosa que alastrava sem medida. Em 1862, as Irmãs da Caridade francesas são forçadas a abandonar Portugal. Entretanto o povo, empobrecido pelas guerras liberais (1832-1834) e pelos maus anos agrícolas, vê-se forçado a emigrar em massa para a capital, onde uma

⁷² Cf. ANDRÉ, Paula, *Escola Franciscana Hospitaleira: um estudo exploratório*. Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2013.

industrialização crescente e desenfreada o transforma no proletariado mais escravizado e desprotegido da Europa. Eram uma multidão os pobres, os órfãos e os doentes que vagueavam pelas ruas, privados de assistência social e religiosa; proliferavam as ideologias e todas as degradações humanas.

Aumenta constantemente o número de vítimas fáceis de epidemias, alcoolismo, analfabetismo e degradação moral... E, foi neste contexto social que surgiram duas personalidades fortes e determinadas, o Pe. Raimundo dos Anjos Beirão e a Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

a. Pe. Raimundo dos Anjos Beirão

Missionário apostólico, nasceu em Lisboa, na freguesia do Socorro, no dia 8 de março de 1810. De espírito aberto, alegre e íntegro, desde muito novo deu testemunho do seu grande amor a Deus e ao próximo, sabendo atender a todos os pobres e necessitados com profunda simplicidade, bondade e muita confiança na Divina Providência.

Professou na Ordem Terceira Regular de São Francisco de Assis, no Convento de Nossa Senhora de Jesus, Lisboa, tomando o nome de Fr. Raimundo de Santa Maria dos Anjos. A 2 de Março de 1833, foi ordenado Sacerdote. Abrigando em seu coração o sentimento da verdadeira caridade, tornou-se para Portugal o que Vicente de Paulo fora para a França do seu tempo. Perseguido pelas ideias liberais, também ele foi vítima do furor antirreligioso que o expulsou do convento, em maio de 1834. Todavia, a vivacidade do seu temperamento, o espírito determinado e o zelo constante pela causa de Deus e dos necessitados, não o deixaram repousar por muito tempo. Entra na luta pela vida com outro dinamismo e outro rasgo apostólico, que o faz correr incansavelmente para onde houver algum Bem a fazer. Logo nesse mesmo ano de 1834, é nomeado Capelão da Armada Real. Foi também Capelão do Recolhimento de Nossa Senhora da Rosa, Instituição dedicada ao abrigo de crianças desprotegidas e abandonadas.

Logo no começo da sua vida sacerdotal, criou em Lisboa a Associação Filhos de São Caetano, destinada à instrução e catequização de meninos pobres que, por sua vez, se dedicavam à assistência de indigentes. O Pe. Beirão também se encarregava de

encaminhar jovens vocacionados para o Colégio Português de Roma, a fim de se prepararem para o sacerdócio.

Alcançou fama de orador sacro, percorrendo, em pregações, quase todo o país, e auxiliou a comunidade das Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição, de Aldeia Galega (atual Montijo, Ribatejo), que mais tarde, iria ser o berço original de uma Congregação que hoje tem o nome de Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. O Pr. Raimundo faleceu no Convento das Trinas, no dia 13 de julho de 1878, com 68 anos, vítima de doença maligna.

b. Irmã Maria Clara do Menino Jesus⁷³

Esta menina, de família nobre, nasce na Amadora, a 15 de junho de 1843. Filha de Nuno Tomás de Mascarenhas Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque e de D. Maria da Purificação de Sá Carneiro Duarte Ferreira. Fica órfã de mãe e pai, respetivamente, nas epidemias de 1856 e 1857, e ingressa no Asilo Real da Ajuda, orientada pelas Filhas da Caridade francesas.

Com a expulsão das suas educadoras, em 1862, embora tenha família, aceita o convite dos Marqueses de Valada que a recebem e tratam como filha. Após cinco anos de vida faustosa, e porque este estilo de vida não preenchia o seu desejo de se entregar a Deus e aos outros, entra no Pensionato de S. Patrício, onde, sob a orientação espiritual do Padre Raimundo dos Anjos Beirão – como já referido, ardente pregador apostólico português –, professa nas Terceiras Seculares de S. Francisco de Assis, as Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição, com o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

A 3 de Maio de 1871, juntamente com o Padre Raimundo dos Anjos Beirão, funda a Congregação das Irmãs Hospitaleiras dos Pobres pelo Amor de Deus, depois Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, hoje Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Morre em Lisboa, a 01 de dezembro de 1899, depois de uma vida

⁷³ Nome religioso de Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque.

inteiramente dedicada a fazer o Bem, a crianças, velhinhos, doentes, sem abrigo, órfãos, deserdados da sorte...

Em suma, a Irmã Maria Clara define-se, pela obra realizada, como uma mulher com um espírito forte, uma inteligência esclarecida e ordenada, um zelo e fortaleza de ânimo indelévels, uma afetividade equilibrada, delicada e carinhosa, uma mulher ilimitada em generosidade e uma personalidade forte, mas muito terna, o que se verificava pelo trato com as pessoas que acolhia e servia.

2. Carisma da Hospitalidade

A Irmã Maria Clara foi uma mulher de grande visão, uma visão alimentada pela intimidade permanente com Deus. Por isso, foi capaz de ver as necessidades do seu tempo e de abrir o coração hospitaleiro e os braços acolhedores, para remediar tantas carências, sempre com a preocupação de promover a pessoa humana de forma integral.

A sua entrega incondicional a Deus e a sua dedicação aos débeis, aos sós, aos doentes, às crianças foi anúncio e denúncia, mesmo quando não podia ir além dos sonhos: *«Quem me dera ter uma casa bem grande, para acolher toda esta gente que vejo ao abandono pelas ruas!»* exclamava a Irmã Maria Clara, ao passar pelas ruas de Lisboa.

A sua intervenção nos diferentes domínios do campo social procedia da sua motivação religiosa. O seu coração de mulher franciscana enchia-se de compaixão diante do sofrimento humano e procurava aliviá-lo com o vigor da sua fé. A sua atuação aparecia como rosto da ternura e da misericórdia de Deus. Deus ocupava o primeiro lugar na sua vida numa atitude filial de reconhecimento. *«Oh! Como Deus é bom! Bendito seja Deus!»*⁷⁴

Toda e qualquer Congregação Religiosa tem como base da sua “filosofia” a doutrina de Jesus Cristo, cujo cerne é a palavra Amor⁷⁵. Se Jesus é inspirador dos seus seguidores, então é certo que esta chave de conduta lhes é comum, embora cada fundador seja chamado à vivência de uma particularidade da mensagem evangélica de Jesus. A

⁷⁴ CONFHIC, *Circulares. Maria Clara do Menino Jesus*. Fátima, Tipografia Fátima, 2011, p. 86.

⁷⁵ “Amarás o Senhor teu Deus sobre todas as coisas.”, Mt 22,37

fundação da Congregação Franciscana Hospitaleira não foi exceção e aparece apresentada ao mundo e à Igreja com o Carisma da Hospitalidade.

A Hospitalidade é uma maneira de dizer amor, colocando em destaque o cuidado, a atenção, o acolhimento e a misericórdia. A Irmã Maria Clara do Menino Jesus foi uma mulher atenta ao outro, uma mulher de escuta. No seu temperamento, reconhece-se uma energética capacidade de decisão e discernimento, mas sobretudo um coração cheio de ternura e misericórdia, um coração cheio de amor.

«A Hospitalidade é caminhar entre os homens ao ritmo do Coração de Deus. É estabelecer em si o vazio, para, à imitação de Maria Imaculada, acolher no coração o Verbo de Deus e dar-lhe vida em nossa vida, doada gota a gota pelos irmãos que Ele ama. É descobrir com Francisco a «perfeita alegria» de perdoar e amar sempre, a respeito de todas as ofensas e de toda a rejeição. É tomar nas mãos o coração magoado e espoliado e entregá-lo à maneira de Raimundo e (Maria) Clara, por amor daqueles mesmos que nos despojam e ferem. É beber em cada instante na Fonte de todo o Bem, para poder levá-lo «onde houver algum bem a fazer», com a pureza alegre e simples da fontezinha cristalina que dá a todos os que precisam de dessedentar-se.»⁷⁶

A hospitalidade é acolher no imprevisto do dia-a-dia, é sentir que o outro está próximo do meu caminhar, está no meu caminho. Viver do outro e para o outro, ter entranhas de Mãe.

Analisando as palavras da Irmã Maria Clara do Menino Jesus: «*Vejo um olhar providencial de Deus, que vela sobre nós.*»⁷⁷, são dois os verbos - ver e velar - e um adjetivo qualificativo - providencial. Como uma Mãe, ver com olhos o seu filho, ir ao seu encontro, preparando o necessário (providencial) e velar para que se sintam bem. Numa casa (escola) Franciscana Hospitaleira, todos os sentidos vivem em ação permanente.

⁷⁶ CONFHIC, *VI Caderno para a renovação da CONFHIC. XXII Capítulo Geral*, Rádio Renascença, Santo Tirso, 1989, p. 25.

⁷⁷ CONFHIC, *Circulares. Maria Clara do Menino Jesus*. Fátima, Tipografia Fátima, 2011, p. 93.

3. A Educação como Missão

Podemos dizer que a marca Hospitaleira no século XIX foi a de colmatar as carências humanas, uma missão de beneficência social. Apesar das agruras, das vicissitudes do tempo, a personalidade sensível, misericordiosa e determinada, dos Fundadores teve um sonho, o de oferecer e ser “casa” Hospitaleira. Começaram a realizá-lo com a criação e animação de Pensionatos, Asilos, Colégios... Era hora de por mãos à obra, «Trabalhem com amor e por amor!»⁷⁸, «Oh, linda missão é a vossa, minhas boas Irmãs! Ide servir de mães, educando.»⁷⁹ Foi assim que tudo começou.

O primeiro Colégio a funcionar foi o de Nossa Senhora da Conceição, também conhecido por Colégio da Rua da Fonte⁸⁰, em Carnide. Mais tarde em 1858, passam para o Pensionato de S. Patrício, como casa de educação. E, após o ano de 1871, com o mais importante marco da história desta família - a fundação da Congregação genuinamente portuguesa⁸¹- tudo foi mais genuíno, e a obra iniciada prosseguiu. Em 1872, surge a primeira escola da congregação em Vale de Santarém, de seguida as creches do Campo Grande e de Santa Maria em Lisboa, em 1875. Em 1876, abriram o Colégio de Santa Margarida, o Colégio de São José do Varatojo, em Lisboa e o Colégio da Benedita, em Leiria. Em 1877, o pensionato de S. Patrício muda para as Trinas, externato de meninas pobres. Em 1878, surge o Colégio da Lagoa em Lisboa, o Colégio de Nossa Senhora de Lourdes no Porto e o Colégio de Nossa Senhora de La Salette em Vila Cova da Campeã. Em 1879, nasce o Asilo de Infância desvalida de D. Maria Pia em Ponte de Lima. Em 1897, o Colégio de S. José de Bairros, Lousada. Todas as instituições mencionadas foram fundadas ainda em vida da fundadora. Esta morre em 1899, deixando algumas dessas obras ainda abertas, outras já encerradas. De referir, que a única que prevalece até aos dias de hoje, e em fase de análise e estudo, é o Colégio de S. José de Bairros.

Apesar da revolução republicana e conseqüente perseguição e expulsão do Convento das Trinas, as Irmãs prosseguiram a sua missão, principalmente no norte do país. A sede da Congregação passou para uma casa alugada em Santo Tirso, onde

⁷⁸ *Ibidem*, p. 81.

⁷⁹ CONFHIC, *Circulares. Pe. Raimundo Beirão*. Fátima, Tipografia Fátima, 2011, p. 6.

⁸⁰ Cf. O jornal “A Nação”, 12.02.1857, p.3.

⁸¹ Na sua origem, a congregação esteve ligada às irmãs de Calais, França.

permaneceu desde outubro de 1910 a janeiro de 1911. Nesse mesmo mês e ano, foi transferida para a Casa de S. Telmo, em Tui (Espanha), onde se manteve até 1912, e, desde essa data até 1936, para a Quinta da Saraiva, igualmente em Tui. Em 1926 é permitido o ensino religioso nas escolas portuguesas. Entre outros colégios fundados, entretanto, apenas perduraram até aos dias de hoje, o Colégio Nossa Senhora da Bonança, em Vila Nova de Gaia, fundado em 1927; o Colégio Moderno de São José em Vila Real, em 1928; mais tarde em 1936, o Externato de Santa Joana em Ermesinde e finalmente em 1941 o Colégio Conciliar Maria Imaculada em Leiria. É de realçar que apenas em 1934 foram legalizados os Colégios.

Do conjunto dos Colégios mencionados, atravessaram os séculos o Colégio Nossa Senhora da Bonança, em Vila Nova de Gaia,



Figura 1 - Colégio de Nossa Senhora da Bonança

o Colégio Moderno de São José em Vila Real,



Figura 2 - Colégio Moderno de S. José

o Externato de Santa Joana em Ermesinde



Figura 3 - Externato de Santa Joana

e o Colégio Conciliar Maria Imaculada em Leiria.



Figura 4 - Colégio Conciliar de Maria Imaculada

O desejo é de que o Carisma continue presente no mundo da educação, não só como memória de um passado, mas como desafio de num presente para um futuro.

«O carisma franciscano hospitaleiro, na arte fraterna de abrir o coração e acolher, de considerar o educando como pessoa criada à imagem de Deus, de oferecer uma pedagogia de amor e respeito, de viver a pluralidade numa sociedade plural, é casa aberta e aconchegada, revestida de humanismo cristão, onde toda a criança,

adolescente ou jovem pode desenvolver as suas potencialidades de ser humano, aberto ao infinito.»⁸²

Em 1983, surgiu o primeiro Ideário que, em linhas gerais apresentava a filosofia educativa franciscana hospitaleira, mais tarde, 1999, surgiu a atual Proposta Educativa da Escola Franciscana Hospitaleira,

«A Escola Franciscana Hospitaleira é um espaço de educação católica (...); Adota como pedagogia o Amor, o Acolhimento e a Alegria; Esforça-se por fazer transparecer os valores evangélicos, incutidos através da cultura, do ensino religioso e do testemunho de simplicidade, de abertura, de alegria e de hospitalidade, em clima fraterno e no espírito das bem-aventuranças, vivido pelos seus fundadores; Promove a plena coerência do saber, dos valores e das atitudes com a Fé; Valoriza o respeito pela Natureza e por todas as Criaturas.»⁸³

A Escola Franciscana Hospitaleira oferece uma “cosmovisão” específica, com um forte sentido de fraternidade, de simplicidade, de inclusão, de ecologia do Espírito em que o mundo e todas as criaturas aparecem, como caminho e reflexo do Criador. Procura permear no espírito evangélico das bem-aventuranças toda a ação educativa, promovendo o crescimento integral das crianças e dos jovens.

Desta forma, a missão de educar para uma Irmã Franciscana Hospitaleira da Imaculada Conceição, é

«Fazer do aluno a razão de ser da Escola; *aplicar* a pedagogia do Amor e do Acolhimento; *criar* um ambiente alegre e familiar; *apresentar* o Evangelho da esperança, como projeto de pastoral escolar; *eleva*r os valores humanos; *alicerçar* a ação educativa nos valores cristãos; *envolver* a família na ação da Escola; *cuidar*

⁸² CONFHIC, *A Escola Franciscana Hospitaleira. Um Desafio de Séculos*. Tipografia de Fátima, 2003, p. 20.

⁸³ CONFHIC, *Proposta Educativa da Escola Franciscana Hospitaleira*. Província de Santa Maria, Portugal, 1999, p. 4.

os educadores e privilegiar a sua formação específica; *dar lugar* cada vez mais destacado à figura do educador interventivo; *promover* uma comunicação inteligível entre educador/educando; *primar* pelo rigor da informação científica; *apresentar* a criatividade como exigência diária; *fazer conviver* harmoniosamente a disciplina e a liberdade.»⁸⁴

Ou seja, adota como pedagogia o amor, acolhimento e a alegria que dá sentido ao ser e ao saber, ao ensinar a ser e ao ensinar a saber. Como diria o autor do livro da Sabedoria “*O cuidado da instrução é amor*” (6, 17).

Segundo esta pedagogia, a cultura FH pode e deve ser um contributo precioso na construção do *Bem Comum* e do *Cuidado do Outro*, concretamente, na lecionação da disciplina de EMRC.

4. Contributo da Espiritualidade Franciscana Hospitaleira para a construção do Bem Comum e do Cuidado do outro na EMRC

A cultura Franciscana Hospitaleira tem padrões de ação concretos como já vimos, mas esses padrões têm como base um Carisma. E, muitas vezes, estes conceitos são usados como sinónimos, contudo, eles têm conotações diferentes. Antes de abordar o contributo da Espiritualidade, faremos a destriça desses conceitos, pois quando se fala de uma prática como na lecionação de EMRC, não podemos falar apenas de um dom, mas do modo como esse dom é vivido.

Como já foi dito no ponto dois desta terceira parte, o Carisma das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, ou seja, o dom do seu ser e fazer, é a Hospitalidade. Neste ponto propomos-mos abordar a sua Espiritualidade, ou seja, a vivência comportamental do Carisma, manifestado nas palavras, nos atos, nos gestos, e, sobretudo, no contexto educativo.

⁸⁴ CONFHIC, *A Escola Franciscana Hospitaleira. Um Desafio de Séculos*, p. 262.

Hoje, como ontem, a Espiritualidade Franciscana Hospitaleira distingue-se no seu viver pelo cuidar o outro, e expressa-se pela proximidade, na hospitalidade e no espírito de família. Trata-se de uma espiritualidade aberta a todos e, por isso, verdadeiramente Hospitaleira, sempre pronta a acolher Deus e o outro no imprevisto da vida, *inserida no mundo e situada no tempo*.

Por isso, o agir segundo esta espiritualidade pauta-se pelos valores explicitamente evangélicos, culturais, ecológicos e universais, que conduzem ao apreço crescente pela dignidade da pessoa no seu todo.

Neste sentido, não é difícil perceber desde já, o seu contributo para o Bem comum e o Cuidado do outro, pois como já foi referido anteriormente ela contém em si o cariz peculiar do “cuidar”, marcado pelo exercício das Obras de Misericórdia.

Assim, tal como na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, a Espiritualidade Franciscana Hospitaleira é promotora de uma educação integral, onde a cultura, os valores e a dimensão religiosa fazem parte da formação da personalidade. Poderíamos dizer que elas se entrelaçam e juntas contribuem para que o *Bem Comum e Cuidado do Outro* seja uma realidade no contexto escolar.

A Espiritualidade Franciscana, parte de Francisco de Assis, e nele podemos buscar a raiz da missão educativa franciscana, que coloca a pessoa, não como um ser solitário, mas como um ser solidário. Quais são então os elos de ligação destas duas realidades - Espiritualidade Franciscana Hospitaleira e Educação Moral e Religiosa Católica?

Numa sociedade marcada pelo individualismo, o grande desafio que se coloca é a abertura ao novo e ao outro, onde todos se devem empenhar e participar ativamente. Neste sentido a vivência da hospitalidade deixa uma marca. Como refere André,

«Perante um mundo dividido onde impera o individualismo e a discriminação, a Escola Franciscana Hospitaleira destaca-se pela simplicidade e pela inclusão. Uma inclusão que passa por chegar a todos e levar todos à participação ativa na

escola e na sociedade, pelo reconhecimento do que cada um é, e uma simplicidade onde todos servem e são servidos como irmãos.»⁸⁵

Trata-se de uma abertura dialógica, onde o ser humano vai ao encontro do outro diferente de si e, nele, também se deixa encontrar. Aquilo a que poderíamos chamar de uma hospitalidade efetiva e afetiva. Ora, este movimento relacional tem um alcance cultural que permite ser oferecido a todos os alunos, independentemente da sua condição religiosa.

Poderíamos dizer que a Espiritualidade Franciscana Hospitaleira está em consonância com a XI finalidade da disciplina de EMRC, «Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência».

Nesta finalidade estão claros os três domínios de aprendizagem da disciplina: Religião e Experiência Religiosa, Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida e Ética e Moral, que percorreram todo o currículo de EMRC ao longo dos doze anos, a partir das dezassete metas curriculares estabelecidas. É a partir daqui que talvez seja curioso fazer um paralelismo entre estes elementos, domínios e metas, com a Proposta Educativa da Confhlc, desta forma:

Domínios	Metas Curriculares de EMRC	Proposta Educativa da CONFHLC
Religião e Experiência Religiosa	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	› Espaço privilegiado, onde se processa o desenvolvimento pleno e harmonioso da pessoa humana.

⁸⁵ ANDRÉ, Paula, *Escola Franciscana Hospitaleira: um estudo exploratório*, pp. 61-62.

<p>Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida</p>	<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã</p> <p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>› Lugar de educação integral da pessoa humana, cujo fundamento está na Pessoa e Modelo de Cristo.</p>
<p>Ética e Moral</p>	<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa e a comunidade e o mundo.</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<p>› Campo, onde se desenvolve o sentido ético e transcendente a partir da perspectiva da mensagem de Cristo sobre a humanidade, a vida, a história e o mundo, vivida por Francisco de Assis e pelos Fundadores da Confhlic.</p>

Com o paralelismo apresentado, pretendeu-se demonstrar que tanto na essência educativa da Espiritualidade Franciscana Hospitaleira, como nas finalidades, domínios e metas de EMRC, estão presentes as bases para a construção de um futuro mais humano e mais irmão.

A missão da cultura Franciscana Hospitaleira é, pois, ir ao encontro do “estrangeiro” dos nossos dias, daqueles feridos na sua dignidade e cujo rosto está desfigurado, das mais variadas formas que esta desfiguração possa apresentar.

Assim, a Espiritualidade Franciscana Hospitaleira é e será sempre oportuna no contexto da disciplina de EMRC, pois ela se torna,

«...oásis para aquele que passa e se sente cansado; morada para aquele que procura o transcendente; gruta para aquele que peregrina e se torna irmão; casa de portas e janelas abertas, acolhendo a diversidade; corrente que fala da união na diferença; coração sem fronteiras, propulsor de vida e árvore frondosa a estender os ramos em todas as direções».⁸⁶

Concluindo, construção do *bem comum* e do *cuidado do outro* é uma tarefa nobre na educação, e a cultura Franciscana Hospitaleira, tal como a disciplina de EMRC, podem ser chaves de abertura a esta edificação.

⁸⁶ Documento da CONFHIC referente à Dimensão Apostólica.

IV – Proposta Pedagógica: *O Chaveiro*

1. Motivação

Pensar numa proposta pedagógica, é pensar numa caminhada de aprendizagem que queremos para o aluno. Assim, a proposta que segue, já foi implementada na PES e pareceu-nos pertinente apresenta-la para uso futuro na lecionação de EMRC.

Precisamos de construir um mundo mais humano e mais fraterno, e isso, só acontecerá, quando todos, crianças, jovens e adultos caminharem numa mesma direção, para juntos aprenderem. Como a aprendizagem em escola faz-se em conjunto com a família e de acordo com o quotidiano do aluno, esta proposta torna-se pertinente porque abrange as duas realidades.

A família é por natureza, o primeiro lugar educativo. Contudo, pelas solitudes da vida, hoje, é a escola que muitas vezes assume a responsabilidade de substituir a mesma. Como fazer com os conhecimentos adquiridos na escola se prolonguem no contexto familiar?

Como referi anteriormente, a proposta pedagógica que agora é apresentada visa “extravasar” os conteúdos da disciplina de EMRC para fora da escola. E não só extravasar, mas relacionar as vivências do quotidiano familiar com as aprendizagens escolares, convocar as experiências do dia-a-dia para a sala de aula, no sentido de as integrar na vida e no conhecimento de cada aluno.

Assim, pretendo, em primeiro lugar levar os alunos a recordar os conteúdos de EMRC tratados nos momentos letivos e, em segundo lugar proporcionar uma partilha dos mesmos no seu meio familiar, utilizando como elemento aglutinador um objeto do dia-a-dia que é familiar e acessível a toda e qualquer pessoa – um chaveiro. Para além disso, é uma proposta que pode implicar e alargar-se a toda a comunidade educativa, especialmente a família, que como diz o documento conciliar *Gaudium et Spes*,

«A família é como que uma escola de valorização humana. Para que esteja em condições de alcançar a plenitude da sua vida e missão, exige, porém, a benévola comunhão de almas e o comum acordo dos esposos, e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos.»⁸⁷

Vamos fixar-nos particularmente nas unidades letivas abordadas anteriormente, ou seja, “Viver Juntos” e “Construir Fraternidade”, cujos objetivos se prendem com:

- Utilizar uma metodologia que promova o envolvimento não só dos alunos, mas também das suas famílias e de outros membros da comunidade educativa;
- Divulgar, através das sínteses de aula, os conteúdos mais significativos das unidades.

Para que o enquadramento da proposta seja perceptível, iremos dividi-lo em três pontos:

a. Uma ideia: Escola e Sociedade

Para que a construção de comunidades mais humanas seja uma realidade, é importante que a família e a escola se unam e cumpram a sua função de “semeadoras” de plantas cujas raízes se desenvolvem seguras e fortes, para que aquilo que pretendemos fazer crescer seja alicerce duradouro de uma sociedade de futuro.

A pessoa como ser relacional interage com a vida e com a sociedade, logo, não podemos dispensar aqueles que são os primeiros e insubstituíveis educadores – os pais, na certeza de que nem a família, nem a escola, por si sós, realizam cabalmente a sua missão educativa.

⁸⁷ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral a Igreja no mundo atual, *Gaudium et Spes*, Secretariado Nacional do Apostolado de Oração, Braga, 1972, nº 52, p. 384.

A escola é um local privilegiado para a aprendizagem do viver juntos. A família é um espaço de elevado valor para nos reunirmos na partilha de uma unidade que nos enriquece na qualidade do bem em sociedade.

Este primeiro ponto pretende salientar o quanto é importante a educação para a construção da sociedade, sobretudo no que respeita à Educação Moral e Religiosa Católica.

b. Uma metáfora: EMRC, um bem comum, público ou privado?

A disciplina de EMRC é sem dúvida um elo de ligação das três instituições: família, escola, sociedade. Ela educa para que haja espaços de convivência, de crescimento, de partilha e de enriquecimento. A escola tem o ministério de fazer deste espaço letivo um momento de crescimento e desenvolvimento das potencialidades existentes em todo e cada ser humano para fazer da sociedade um centro de realização do Bem.

As estratégias de ensino que se desenvolvem em clima escolar devem obrigatoriamente contribuir para a união de esforços e reunião de contributos.

Esta será a principal função da EMRC. A não ser assim, poderemos questionar: como aprender a viver juntos nesta casa comum, se não somos capazes de viver e conviver com aqueles que nos estão mais próximos?

c. Um símbolo: O chaveiro

Como já referido, o chaveiro é um objeto muito familiar na vida quotidiana do aluno, quer na família, quer na escola. Assim, no intuito de materializar a ideia, e de manter os conteúdos, na «memória» das crianças pensamos numa estratégia que envolvesse este objeto.

Simbolicamente a chave pode conduzir-nos a duas perspetivas, a da abertura e a do fechamento. Vou incidir mais sobre a perspetiva de abertura, pretendendo que esta se refira à abertura de mentes e corações, que se relacionam e se constroem mutuamente.

Como tal, a chave pode também traduzir a ideia de segurança, proteção e força, um movimento que nos congrega na nossa Casa Comum, onde tentamos construir fraternidade. Segundo esta ideia de Casa Comum, as chaves são para todos, há como que uma chave mestra que abre todas as portas, de modo a que todos quantos queiram possam entrar.

Numa perspetiva mais abrangente poderíamos dizer que a chave é símbolo do Mistério, que nos impulsiona à descoberta de nós próprios e do mundo que foi criado para nós e nos foi confiado. Não como dominadores do mesmo, mas cuidadores. É como aquela chave que permite descodificar o sentido da realidade e da existência, bem como da presença do Mistério que suporta essa realidade e pode dar sentido à existência.

Então, pensemos que, assim, o símbolo da chave, pode também significar poder e domínio, não poder sobre o outro, mas poder responsável, que nos coloca na posição de cuidar o outro; um cuidar que nos aproxima uns dos outros, através do desenvolvimento de relações familiares e culturais, que têm como resultado a criação de vínculos sociais fortes, aquilo a que Sacristán chamou de um “nós cultural”.

Foi nesta perspetiva que, dentro do contexto da prática letiva, usei as quatro chaves entregues no chaveiro, e que corresponderam às quatro unidades letivas do programa de EMRC do 5º ano, precisamente como subsídio de ajuda para a construção do *Bem Comum* o do *Cuidado do Outro*.

2. Implementação

No começo do ano letivo foi entregue a estrutura do chaveiro: uma argola, uma capa, uma contracapa e quatro separadores em forma de chave cada um correspondente a uma unidade letiva.⁸⁸

⁸⁸ Cf. no Portfólio, anexo da aula 1 da UL1.

De seguida, em cada final de aula era entregue a síntese de aula que encaixava na respetiva estrutura. Assim, no que respeita à UL1, “Viver Juntos” e UL4, “Construir Fraternidade”, foram entregues as seguintes sínteses:

UL1- Viver Juntos

UL4 – Contruir Fraternidade

<p>É preciso conhecer os outros e aprender com eles a superar as mudanças na vida. A Bíblia apresenta-nos Abraão como alguém que confiou em Deus e O seguiu com confiança.</p>	<p>Fraternidade, laço de união entre os Homens.</p>
<p>Juntamo-nos por grupos, de acordo com os nossos gostos e valores, pois só crescemos verdadeiramente na companhia dos outros.</p>	<p>Temos a mesma origem, a mesma dignidade e o planeta é a nossa casa comum.</p>
<p>Todos os grupos têm de ter regras ou normas para organizar a convivência entre as pessoas.</p>	<p>Deus ama a todos infinitamente. O perdão é a arma secreta para vivermos em paz.</p>
<p>Deus ama a humanidade, mesmo quando esta falha.</p>	<p>Precisamos de construir fraternidade na nossa vida.</p>
<p>Só é possível construir comunidade, fazendo alianças.</p>	<p>Modelos que abriram caminho para um mundo melhor.</p>

Não podemos ficar à espera de que sejam os outros a construir um mundo melhor e mais fraterno. Cada um de nós tem a responsabilidade de fazer algo nesse sentido.

Para o encontro na relação família-escola, o ponto chave, é sem dúvida o educando. Esta relação tem a sua eficácia, a partir do momento em que ambas as partes assumem o seu papel e se corresponsabilizam pelo crescimento do educando. Qual é então o papel da família? Para além de estar atenta ao processo educativo dos seus educandos, mantendo-se informada, deve participar na vida da escola, e alimentar-se de uma formação contínua psicológica, pedagógica e cultural. Entre muitas outras coisas, podemos dizer que a família deve manifestar interesse nos projetos e trabalhos educativos.

Assim, a implementação desta proposta e a metodologia usada de forma intencional, contínua e planificada, pretendeu facilitar exatamente o intercâmbio entre as duas realidades, escola e família. Desta forma, o método adotado permitiu dialogar com os alunos acerca da aula e motivá-los a recordá-la mesmo fora da sala de aula. Trata-se de uma proposta que, na sua simplicidade, ajuda na complexidade que é a relação de proximidade entre a escola e família.

Por outro lado, podia dizer-se também que este projeto é uma mais valia extraescola, pois permite alargar os destinatários e criar diálogo acerca dos conteúdos da disciplina de EMRC na vida hodierna.

No final do ano letivo, cada aluno continha o conjunto de sínteses das unidades.



Figura 5 – Capa



Figura 6 - Contracapa



Figura 7 – Unidade Letiva 1



Figura 8 – Unidade Letiva 2



Figura 8 – Unidade Letiva 3



Figura 9 – Unidade Letiva 4

3. Avaliação

A dinâmica implementada ao longo do ano revelou-se muito enriquecedora. Tudo isto foi conseguido através da motivação e do grande envolvimento de todos, ao qual se associou, indiscutivelmente, a família.

Desde o primeiro instante, os alunos revelaram um comportamento pautado pela responsabilidade individual de assumir a construção do chaveiro. Estamos conscientes que os alunos entenderam o simbolismo desta construção, mostraram o seu agrado ao longo das aulas e assumiram o compromisso de trazer cada aula o chaveiro.

Foi muito gratificante no final do ano ouvi-los perguntar pelas sínteses das últimas aulas, sendo que estas já não estavam a ser lecionadas dentro da dinâmica da PES.

As crianças perceberam, de uma forma lúdica, que é possível a EMRC estar ao alcance de todos e por isso contribuir para o *bem comum*, cuja raiz está na compreensão do ser humano como individual e social.

A concretização do bem comum, pressupõe renovação de mentes e transformação efetiva na vida hodierna. Num mundo em constantes mutações, lecionar a disciplina de

EMRC, significa inovar, criando dinâmicas como esta - o chaveiro – que, apesar da sua simplicidade, e mesmo pela sua simplicidade, podem contribuir para a construção do bem comum e do cuidado do outro através dos conteúdos nela contidos.

Desta dinâmica podemos tirar duas ilações. A primeira - o seu valioso contributo para o aluno em contexto escolar, e a segunda - a extensão da mensagem ao meio familiar e social, pois a construção do bem comum e do cuidado do outro só acontece na interação entre o individuo e o todo, como diz, Ferreira,

«Compreende-se, por conseguinte, que o recurso ao conceito de “bem comum” seja indissociavelmente acompanhado de uma tensão permanentemente em aberto entre o individuo e o todo, o privado e o coletivo, o singular e o universal, a comunidade e a personalidade.»⁸⁹

E foi assim para todos, professora e alunos, em termos teórico/práticos, que se procurou que esta dinâmica contribuísse para a construção do *bem comum* e do *cuidado do outro* que culminou com o seguinte resultado plástico:



⁸⁹ FERREIRA, Carmo M., “O elogio do bem comum”. Comissão Nacional Justiça e Paz, *O elogio do bem comum numa cultura de raiz individualista – contributos da doutrina social da Igreja*. II Seminário sobre Doutrina Social da Igreja, Lisboa, junho de 2008, nº 1.

Conclusão

As temáticas das Unidades Letivas, “Viver Juntos” e “Construir Fraternidade”, lecionadas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, serviram-nos de mote para uma melhor compreensão da importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, como construtora de *bem comum* e de *cuidado pelo outro*. Foi para nós um estudo muito interessante e interessado, uma vez que é um assunto pertinente e bastante atual.

A abordagem a este tema permitiu percorrer um caminho que pode ser feito por vários atalhos, sendo que todos eles se vão encontrar no mesmo ponto - a Casa comum. Começando pela multiplicidade e complexidade dos conceitos - Culturas e Cultura do Cristianismo, passando pela importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na Escola e a pertinência dos seus conteúdos como contributo de uma formação integral, até à possível e valiosa presença da Cultura Franciscana Hospitaleira no contexto educativo, traçamos algumas chaves de leitura que podem ajudar na construção do *bem comum* e do *cuidado do outro*, ao longo de todo o caminho humano.

Ao longo deste trabalho foi nossa preocupação abordar esta panóplia de conceitos de forma a demonstrar como uma disciplina de cariz muito e peculiar, a EMRC, pode e deve contribuir para uma sociedade mais humana.

Neste contexto, constatamos que a prática letiva é um contributo essencial não só para os alunos, mas também para a sua família e comunidade educativa, se partilhada, aliás, só assim, se concebe a ideia de a disciplina ser um veicula para o desenvolvimento da cultura.

Desta forma, e aproveitando a ideia de que a escola é lugar de personalização, onde cada pessoa é um ser único que não se confunde na massa, se percebe o quanto a EMRC pode fazer, como possibilidade, dito simbolicamente, como uma chave “mestra”, que abre portas para um futuro melhor.

Neste sentido, também a Cultura Franciscana Hospitaleira pode ser uma chave de leitura, pois ela assume uma relação pela proximidade, de ida e volta, uma cultura do encontro, onde a marca da Hospitalidade é contrária à cultura vigente, denominada cultura do fragmento. Como lugar de humanidade, ela é desafiada a dar resposta ao mundo em constante mutação. Podemos dizer que a marca hospitaleira no século XIX foi a de colmatar as carências humanas, uma missão de beneficência social, o que na verdade se prolonga no tempo e se faz realidade no século presente. O legado do Fundador, "Oh, linda missão é a vossa, minhas boas Irmãs! Ide servir de mães, educando" (Pe. Raimundo Beirão, circular 1873), continua a ser presença no modo de educar.

Em jeito de conclusão, a partir da espiritualidade cristã, é possível construir o *bem comum* e o *cuidado do outro*. Na grande família humana, tudo e todos são importantes nesta construção, é preciso é dar as mãos, aprender a “Viver Juntos” e a “Construir fraternidade”.

Bibliografia

Sagrada Escritura, Bíblia de Jerusalém, Editora Paulus, 7ª edição, 1995.

Documentos do Magistério

BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Editora Paulus, Lisboa, 2009.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral a Igreja no mundo atual, *Gaudium et Spes*, Secretariado Nacional do Apostolado de Oração, Braga, 1972.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral, Educação Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006.

FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si*. Editorial Apostolado de Oração, Braga, 2015.

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. Editorial Apostolado de Oração, Braga, 1988.

PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Tipografia Barbosa & Xavier, Braga, 1976.

Documentos Curriculares

INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Avaliação externa das escolas – Relatório do Agrupamento de Escolas D. Dinis - Leiria 2011/2012*, consultado a 11.04.2017 em http://eb23ddinis-m.ccems.pt/file.php/456/Relatorio_de_avaliacao/AEE_Escolas_de_D.Dinis_161639_Relatorio.pdf.

Lei nº 46/86 de 14 de outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, art. 2º, nº 4.

Lei nº 49/05 de 30 de agosto, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, art. 2º, nº 5.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2007.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Manual do 5º ano de EMRC “Conto contigo”*, SNEC, Lisboa, 2014.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

Documentos da CONFHIC

CONFHIC, *Proposta Educativa da Escola Franciscana Hospitaleira*. Província de Santa Maria, Portugal, 1999.

CONFHIC, *A Escola Franciscana Hospitaleira. Um Desafio de Séculos*. Fátima, Tipografia Fátima, 2003.

CONFHIC, *Circulares. Maria Clara do Menino Jesus*. Fátima, Tipografia Fátima, 2011.

CONFHIC, *Circulares. Pe. Raimundo Beirão*. Fátima, Tipografia Fátima, 2011.

CONFHIC, *VI Caderno para a renovação da CONFHIC. XXII Capítulo Geral*, Rádio Renascença, Santo Tirso, 1989.

Estudos e monografias

AA.VV., *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto Editora, Porto, 2011.

AA.VV., *Dicionário de Termos da Fé*. Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1995.

AMBROSIO, Juan, *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, texto de apoio à disciplina de Didática Específica de Educação Moral e Religiosa Católica, Faculdade de Teologia, 2017.

- ANDRÉ, Paula, *Escola Franciscana Hospitaleira: um estudo exploratório*. Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2013.
- ARENDS, Richard I., *Aprender a Ensinar*. Mc Graw Hill, Lisboa, 2008.
- AZEVEDO, Joaquim, *Liberdade e Política Pública de Educação*. Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2011.
- BENTO XVI, *Quem nos ajuda a viver? De Deus e do Homem*. Editorial Franciscana, Braga, 2006.
- BOTTON, Alain de, *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre a utilização da religião*. Publicações D. Quixote, Lisboa, 2012.
- CARBALLO, Fr. José Rodríguez, *Ide e Ensinai – Diretrizes para a Educação Franciscana*. OFM Secretariado para a evangelização, Roma, 2009.
- CRESPI, Franco, *Manual de Sociologia da Cultura*. Editorial Estampa, Lisboa, 1997.
- CURY, A., “Escola católica – Jesus Cristo Paradigma. A psicopedagogia do Mestre dos mestres”. *Escola Católica Proposta e Desafio*. Atas do I Congresso de escolas católicas. Fátima, Centro Pastoral Paulo VI, 13 – 15 de novembro de 2003. Associação Portuguesa de Escolas Católicas. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, pp. 67-83.
- DUQUE, João, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”. *Pastoral Catequética* nº 5 (2006), 27-38.
- DUQUE, João, *Cultura contemporânea e cristianismo*. Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.
- ELIOTT, T. S., *Nota para uma Definição de Cultura*. Editora Perspetiva, São Paulo, 1988.
- FERIN, Isabel, *Comunicação e culturas do quotidiano*. Quimera Editores, Lisboa, 2002.
- FERREIRA, Carmo M., “O elogio do bem comum”. Comissão Nacional Justiça e Paz, *O elogio do bem comum numa cultura de raiz individualista – contributos da doutrina social da Igreja*. II Seminário sobre Doutrina Social da Igreja, Lisboa, junho de 2008.

- FINURAS, Paulo, *Humanus – Pessoas iguais, culturas diferentes*. Edições Sílabo, Lisboa, 2010.
- GEERTZ, Clifford, *A interpretação das Culturas*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.
- MACHADO, J., Edith Stein, *Pedagoga e Mística*. Editorial Apostolado de Oração, Braga, 2008.
- MARITAIN, Jacques, *A pessoa e o bem comum*. Livraria Morais Editora, Lisboa, 1947.
- MENDES, M., *O Lugar da Cultura*. Secretário de Estado da Cultura, Governo de Portugal, Lisboa, 2015.
- MERINO, José A., *Manifesto Franciscano. Para um futuro melhor*. Editorial Franciscana, Braga, 1986.
- MORAIS, T., “Que educadores na escola católica?”, *Fórum da Escola Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Moscavide, 2007, pp. 97-118.
- NUNES, José, “Cristianismo e Cultura”, *Didascália XXXVIII* (2008) 519-526.
- NUNES, José, “Mundo das culturas, Epifania de Deus?”, *Cadernos ISTA 4* (1997) 25-33.
- NÚÑEZ, Martín C., *Ecologia Franciscana. Raízes da Encíclica Laudato Si do Papa Francisco*. Editorial Franciscana, Braga, 2016.
- PEROTTI, António, *Apologia do Intercultural*. Secretariado Entreculturas, Presidência do Concelho de Ministros, Ministério da Educação, 2ª edição, Lisboa, 2003.
- PINTO, Henrique, *AA.VV. Fraternidade – Justiça, bem comum, economia e felicidade*. Padrões culturais Editora, Lisboa, 2011.
- POSTIC, M., *A relação pedagógica*. Uma obra fundamental para: educação, psicologia social e psicanálise. Padrões Culturais Editora, Lisboa, 2008.
- REIMÃO, Cassiano Maria, *Novos olhares sobre a Educação: Temas, problemas e desafios*. X Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação Investigar, Avaliar, Descentralizar, Universidade Católica do Porto, 2009.
- SACRISTÁN. J., *Educar e Conviver na Cultura Global*. Edições Asa, Coleção Perspetivas Atuais / Educação, Porto, 2003.

VERHACK, E., “A escola católica numa encruzilhada de caminhos, no início do novo milénio”. *Escola Católica Proposta e Desafio*. Atas do I Congresso de Escolas Católicas. Centro Pastoral Paulo VI, 13 – 15 de novembro de 2003. Associação Portuguesa de Escolas Católicas. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, pp. 215-222.

Artigos / Discursos

BENTO XVI, *Discurso aos professores de religião católica nas escolas italianas*. Roma, 25 de abril de 2009. Consultado em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20090425_insegnanti-religione.html.

CARNEIRO, Educação Intercultural, 62. Consultado em https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/4_PI_Cap3.pdf/cc693b49-2288-4c9d-a3e0-89488b2899b7.